



O Brasil que a gente quer e o segundo turno

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 03 | Miriam Limoeiro Cardoso: Falta política à política

PÁGINA 09 | Carlos Lessa: Política suicida. Nem Lula nem Alckmin vão mudar.

PÁGINA 13 | João Sicsú: De volta para o passado

PÁGINA 16 | Jairo Nicolau: Vivemos um cenário de refluxo do movimento social

PÁGINA 21 | Reinaldo Gonçalves: O governo Lula foi um fracasso rotundo

PÁGINA 24 | Ricardo Bielschowsky: A Cepal e a análise do Brasil e da América Latina

B. Destaques da semana

» ENTREVISTA DA SEMANA

PÁGINA 28 | Michel Aglietta: Brasileiros vivenciaram processo destruidor

PÁGINA 30

» DESTAQUES ON-LINE

C. IHU em Revista

» EVENTOS

PÁGINA 32 | Rogério Steffenon: O último teorema de Fermat.

PÁGINA 35 | Ana Inez Klein: Uma obra sobre o passado para compreender o presente.

PÁGINA 41 | Sala de Leitura

PÁGINA 41 | IHU Repórter: José Rogério Lopes

Editorial

A última edição da revista *IHU On-Line* antes do segundo turno das eleições presidenciais no Brasil traz uma discussão sobre os rumos políticos, sociais e econômicos do País nos próximos anos.

Considerando a política e a economia brasileiras, *IHU On-Line* entrevistou diversos intelectuais para debaterem as perspectivas políticas, sociais e econômicas do Brasil nos próximos anos. Dessa maneira, retomamos a discussão sobre um projeto de desenvolvimento nacional.

Para a cientista social Miriam Limoeiro Cardoso, professora emérita da UFRJ, “atualmente há pouca discussão política e ideológica de idéias sobre o Brasil. Falta política à política”. Limoeiro acredita que, na atual campanha política, “não há propriamente debate entre projetos para o País. Nenhum dos dois candidatos tem a coragem política de explicitar o projeto que seu eventual governo tentaria viabilizar, até para não inviabilizar sua eleição. Mas há diferenças importantes entre Lula e Alckmin”.

Carlos Lessa, ex-presidente do BNDES, disse, em entrevista à presente edição da *IHU On-Line*, que temos uma política suicida “que combina juros altos com taxas de câmbio valorizadas”. Lessa afirma: “A minha aflição é que nem o Alckmin, nem o Lula vão mudar. Eu não estou esperançoso, estou muito angustiado”.

Já João Sicsú, professor no Instituto de Economia da UFRJ, diz que “o Brasil está num movimento de volta para o passado” e atribui isso aos governantes, “pois isto foi uma decisão política”.

Usando uma metáfora, Sicsú afirma: “O Alckmin vai nos colocar no abismo, Lula nos colocou à beira dele. Da beira do abismo ainda é possível escapar, de dentro dele é muito mais difícil”.

Também foi entrevistado o economista Reinaldo Gonçalves, que considera o governo Lula um fracasso rotundo e afirma que “temos hoje um Brasil sem rumo e sem prumo, do ponto de vista de estratégia e de política econômica com uma gestão macroeconômica catastrófica, com resultados medíocres”.

A entrevista de Ricardo Bielschowsky, economista da Cepal e professor da UFRJ, analisa a contribuição da Cepal para a compreensão do subdesenvolvimento e das estratégias para superá-lo.

Nesta edição também trazemos uma entrevista exclusiva sobre o último teorema de Fermat, com o professor Rogério Steffenon, coordenador do curso de graduação em Matemática da Unisinos, que ministrará uma palestra com o mesmo tema na próxima quarta-feira, no **II Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: um diálogo desde a Filosofia**. Também na próxima quarta-feira, dia 25-10-2006, acontecerá mais uma edição do **I Ciclo de Estudos sobre a Formação Social Sul-Riograndense**, quando a professora Prof.^a Dr.^a Ana Inez Klein apresentará a obra **Revoluções cisplatinas. A República Riograndense**, de Alfredo Varela.

Uma ótima semana e uma excelente leitura a todas e todos!

Falta política à política

ENTREVISTA COM MIRIAM LIMOEIRO CARDOSO

“Atualmente há pouca discussão política e ideológica de idéias sobre o Brasil. Falta política à política. Na atual campanha política, não há propriamente debate entre projetos para o País. Nenhum dos dois candidatos tem a coragem política de explicitar o projeto que seu eventual governo tentaria viabilizar, até para não inviabilizar sua eleição. Mas há diferenças importantes entre Lula e Alckmin”. É o que diz a cientista social, Miriam Limoeiro Cardoso, nesta entrevista exclusiva concedida por e-mail à IHU On-Line. Miriam discorreu sobre diversos assuntos, como eleições, política, ideologias desenvolvimentistas e contribuição do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). Ela é cientista social, doutora em sociologia e professora (aposentada) da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Fluminense. A professora é autora do livro: Ideologia do Desenvolvimento no Brasil: JK-JQ, Ed. Paz e Terra, 1978.

IHU On-Line - Quais as origens da ideologia desenvolvimentista no Brasil? Essa ideologia ainda pode ser aplicada nos dias atuais?

Miriam Limoeiro Cardoso - Entendo que o desenvolvimento é uma ideologia. A partir da Segunda Guerra Mundial começa a se forjar uma nova hegemonia, comandada pelos Estados Unidos, sob a qual se projeta um novo ciclo de expansão do capitalismo em que as regiões então chamadas “pobres” do mundo eram estratégicas, tanto do ponto de vista econômico quanto do ponto de vista político. Os grandes formuladores norte-americanos, artífices políticos dessa expansão, tinham clareza da necessidade de dispor de uma ideologia dentro da qual os países-alvo pudessem adotar como seu objetivo próprio, maior e imediato, a sua inserção naquela expansão capitalista sob a forma requerida pelo capital então hegemônico. O par desenvolvimento/modernização foi então concebido e apresentado sob uma perspectiva evolucionista da história, supostamente constituída por um caminho único (o desenvolvimento ou modernização), no qual alguns

países se teriam “atrasado”, o que permitia qualificá-los como “subdesenvolvidos” ou, caso aceitassem ingressar no circuito proposto para superar o seu atraso relativo, como “em desenvolvimento”. Para seus formuladores originais estava também claro que era preciso valer-se do campo político local dos países a serem desenvolvidos / modernizados, fazendo aí uso do Estado para a implementação das políticas compatíveis e contando com apoio intelectual para dar consistência a uma ideologia nacional-desenvolvimentista.

Ideologia desenvolvimentista

A ideologia desenvolvimentista conjuga sempre desenvolvimento e segurança (esta pensada como segurança nacional, dentro da concepção do Estado de segurança nacional): o crescimento econômico, apresentado como combate à miséria, é concebido como a melhor defesa do capitalismo como modo de vida, o que à época se entendia fundamentalmente como barreira contra o comunismo. O desenvolvimentismo coloca como centro o econômico e o concebe com base

na crença na possibilidade de crescimento ilimitado. Desde então, essa ideologia opera um importante deslocamento, do político para o tecnocrático: as questões da política passam a ser encaradas prioritariamente como questões técnicas, e a figura do economista passa a ocupar o lugar do político, transformando as análises e deliberações políticas em análises e deliberações tecnocráticas. Opera também um outro deslocamento bastante importante: o foco da análise e da política é deslocado para o futuro, quando se tornará possível usufruir os resultados das políticas que produzem privações e sacrifícios no presente, e esse futuro é aí sempre futuro, sempre adiado.

O desenvolvimentismo é a formulação local de propostas políticas concretas por meio das quais um determinado país acata como objetivo maior da política nacional o desenvolvimento / modernização, para entrar nesse processo de tornar-se “moderno”, e para acelerá-lo. No caso do Brasil, a política do desenvolvimento / modernização caracterizou os governos de JK e de toda a ditadura militar que tomou o poder com o golpe de 1964. Na conjuntura atual de mundialização do capital, a ideologia do desenvolvimento / modernização apresenta-se sob roupagem nova, como ideologia da globalização.

As políticas orientadas pelo desenvolvimentismo produziram uma inserção tipicamente dependente (sob a forma capitalista dependente) no processo da expansão do capitalismo mundo afora no pós-guerra. Seus resultados foram: crescimento econômico via firmas multinacionais; dívidas externas espetaculares para garantir os investimentos julgados necessários; sociedades desiguais internamente em cada país e no cenário internacional; concentração de renda fortíssima e crescente; enorme concentração da propriedade; autocracia etc. O desenvolvimento / modernização é o substituto do colonialismo em sociedades pós-coloniais e politicamente independentes.

É preciso notar, no entanto, que a hegemonia hoje está com o capital financeiro e portanto as políticas de desenvolvimento / modernização via industrialização não mais podem ter o mesmo significado que tiveram em meados do século passado. Aquele ciclo de desenvolvimento é passado, esgotou-se, acabou.

IHU On-Line - Qual a principal contribuição do ISEB para a política e para o País? O que motivou sua criação? Como estão as suas condições hoje? Em que medida a história do ISEB nos auxilia a compreender o Brasil de hoje?

Miriam Limoeiro Cardoso - O ISEB¹ pode ser pensado como um *think-tank*. No caso, um *think-tank* estatal, parte do aparelho de Estado desenvolvimentista. Não era um conjunto homogêneo, abrigava diferentes perspectivas políticas e de pensamento, como acabou evidenciado na cisão que marcou sua última fase. Mas o que o unificava era a produção no próprio país de uma ideologia justificadora das políticas desenvolvimentistas. O ISEB contribuía para dar localmente o foco e a direção do debate político: centrado no par desenvolvimento /

¹ Iseb (Instituto Superior de Estudos Brasileiros): Criado em 1955 por Café Filho e implementado por Juscelino Kubitschek, o Instituto foi a continuidade do Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política, estando subordinado ao Ministério da Educação e Cultura. O Iseb projetou-se como centro formulador de uma ideologia desenvolvimentista no país. A estrutura administrativa do Instituto era constituída por um Conselho Consultivo (50 membros indicados pelo Ministro da Educação); abaixo dele estava o Conselho Curador - órgão de direção do Instituto -, formado por oito membros, também designados pelo MEC. Os cinco Departamentos criados - responsáveis por pesquisas internas, conferências, formação de quadros e cursos regulares - desempenhavam as funções e os papéis mais significativos e relevantes na vida instituição. Na época de sua criação, eram eles: Ciência Política, chefiado por Hélio Jaguaribe; Economia, Ewaldo Correia Lima; Filosofia, Álvaro Vieira Pinto; História, por Candido Mendes de Almeida; e Sociologia, Alberto Guerreiro Ramos. Sobre o assunto, ler o livro 1964: a conquista do Estado de René Dreiffuss, recentemente reeditado pela Vozes, Rio de Janeiro. (Nota da *IHU On-Line*)

modernização, apontando para a possibilidade de desenvolvimento nacional. A tese mais importante que na época fundava essa possibilidade era a de que o desenvolvimento nacional (no limite, desenvolvimento autônomo) seria sustentado por uma união nacional dos trabalhadores em apoio a uma suposta burguesia nacional, em oposição ao latifúndio e ao imperialismo, considerados estes como responsáveis pelo atraso e pelo arcaico dominantes no país. Ideológica e politicamente, não era pouca coisa a contribuição de autores do próprio país reforçando a idéia de uma fundamentação antiimperialista para uma política que fundamentalmente era imperialista. Penso que vale a pena estudar o ISEB segundo essa hipótese como um caso exemplar de uma das formas mais importantes de uma dominação ideológica operar.

Pautar a discussão à esquerda pelo desenvolvimento autônomo teve como conseqüência talvez principal dificultar o questionamento crítico radical da idéia e das propostas desenvolvimentistas. No Brasil, esta é uma lacuna que ainda emperra, e muito, a discussão política no campo da esquerda, o que facilita a persistência da dominação ideológica calcada no desenvolvimento / modernização como objetivo maior a ser alcançado, o que acaba se constituindo num reforço de peso aos encaminhamentos do capital hegemônico.

IHU On-Line - O que é mais importante na hora de discutir o projeto ideal para o Brasil hoje? Que tipo de modelo pode ser adotado e o que não poderia faltar nele?

Miriam Limoeiro Cardoso - Penso que o mais importante não é discutir “o projeto ideal para o Brasil”. O mais importante é retomar o embate político e o embate ideológico, elevando política e ideologicamente a discussão. O mais importante é fazer política, enfrentar política e ideologicamente o projeto dominante. Desde o desenvolvimentismo, o projeto

dominante tem sido a inserção capitalista dependente no processo global, mundial, de expansão do capitalismo. Como resistência e reação a essa dominação, o mais importante não é discutir o projeto, é abrir e ampliar na prática o campo da política, alimentando o campo político com lutas e discussões pertinentes à condição de cada setor, de cada grupo social e em geral da população submetida, explorada, dominada. O importante são as lutas concretas com discussão político-ideológica pertinente e que faça sentido àqueles que sofrem alguma exploração, ou dominação, preconceito, exclusão, e que de alguma maneira se opõem na prática a essas situações. Por exemplo, lutas contra a degradação da saúde pública, o que equivale a lutas contra a política de privatização da saúde via “planos de saúde” (empresas de seguro saúde); ou lutas contra a degradação da educação pública, portanto contra as políticas de privatização da educação; lutas que vão desde alguma forma de pressão popular e de pressão parlamentar e que envolvem o questionamento e a cobrança das responsabilidades das autoridades públicas constituídas, até mesmo via judiciário; e principalmente lutas conduzidas por movimentos sociais e variadas formas de organização e de associação em defesa de interesses específicos ou de princípios políticos mais gerais.

Um projeto ou um modelo?

Há quem considere que o que falta é um projeto ou um modelo. Pergunto: quem formularia esse projeto ou esse modelo? Sobre que base social ele se assentaria? Penso que o projeto capaz de guiar eficazmente lutas coletivas por transformação da sociedade precisa ser construído coletivamente, na prática das lutas por transformação. Uma tal construção coletiva tende a colocar em disputa projetos diferenciados dos setores e grupos diferenciados que fazem estas lutas. Mas o projeto não é anterior às lutas. As lutas capazes de produzir transformações efetivas ou relevantes numa realidade social são

concretas contra condições concretas de vida, de trabalho etc. Essa prática transformadora, sua condução radicalmente democrática e a produção de discussão política sobre as condições que se pretende transformar e sobre as formas de organização e de condução das lutas - essas são as questões cruciais, não um projeto ou um modelo ideal.

IHU On-Line - A senhora considera as idéias defendidas atualmente para os rumos do Brasil são ultrapassadas?

Miriam Limoeiro Cardoso - Considero que atualmente há pouca discussão política e ideológica de idéias sobre o Brasil. Falta política à política. Fatos importantes ocorrem sem que sejam tomados como objeto de reflexão e de discussão política e ideológica continuada. A discussão vem se esgotando ou na técnica dos índices e números, ou no moralismo das condutas. Por exemplo, a mídia: não se discute a relação entre a mídia e o poder. Não se discute o papel fundamental que ela desempenha nos processos de dominação e de inculcação ideológica. A omissão de informação, bem como o desvirtuamento da informação, cumprem papel da maior relevância na formação de opinião e na condução dos processos políticos. Sob a aparência de transmissores desinteressados de informação estão empresas capitalistas que têm interesses específicos e vínculos profundos com o poder real, interesses e vínculos que essas empresas defendem ao manipularem a informação.

Exceções

Certamente e felizmente há exceções. Mas são exceções. Neste momento, cabe citar exemplarmente os jornalistas Raimundo Rodrigues Pereira², com *Os fatos*

² Confira as Notícias Diárias da página do IHU nos dias 14 e 17 de outubro. (Nota da *IHU On-Line*)

ocultos, em *Carta Capital*; ou Paulo Henrique Amorim³, com *O 1º golpe de Estado*; ou Luís Nassif⁴, com *Réquiem para o jornalismo*. Essa é uma questão que nos faz ver claramente que a discussão de idéias sobre o Brasil não pode prescindir de um aprofundamento e de uma ampliação do debate sobre o direito à informação, sobre a necessidade imperiosa de democratização dos meios de comunicação. Esse é um campo importantíssimo para ampliar o espaço e elevar a qualidade do debate propriamente político e ideológico. Indica a necessidade de um acompanhamento qualificado da imprensa, por grupos de pesquisadores aptos a fornecer material analítico capaz de mostrar e demonstrar o viés desinformativo da imprensa no Brasil. Conseqüentemente, indica a necessidade de meios e mecanismos de informação alternativos no Brasil, desde a internet às rádios comunitárias etc.

IHU On-Line - Entre os atuais candidatos à presidência, na sua opinião, há debate entre projetos de país? Qual seria o projeto de país de Alckmin e Lula? Quais as principais diferenças? Qual seria o rumo ideal para o Brasil na América Latina? Seria o caso de se forjar um outro modelo?

Miriam Limoeiro Cardoso - Na atual campanha política, não há propriamente debate entre projetos para o País. Nenhum dos dois candidatos tem a coragem política de explicitar o projeto que seu eventual governo tentaria viabilizar, até para não inviabilizar sua eleição. Mas há diferenças importantes entre Lula e Alckmin.

PSDB

O PSDB quer retomar o controle do aparelho de Estado para prosseguir na linha de submissão plena às diretrizes

³ Confira as Notícias Diárias da página do IHU nos dias 17,18,20 e 23 de outubro. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ Confira as Notícias Diárias da página do IHU nos dias 16 e 17 de outubro. (Nota da *IHU On-Line*)

do capital hegemônico em processo de mundialização: dilapidando até o limite o patrimônio público por meio das privatizações (provavelmente continuando com os mesmos procedimentos que marcaram o governo Fernando Henrique), reduzindo drasticamente os direitos sociais, mesmo os mais reconhecidos, perseguindo e criminalizando os movimentos sociais etc., e retomando uma política externa alinhada ao governo dos Estados Unidos. Os resultados que se podem esperar dessas políticas indicam um forte retrocesso econômico, político, social e ideológico. As dificuldades para fazer avançar a democracia efetiva e para conter a destruição do público e dos direitos sociais seriam ainda maiores do que no governo Fernando Henrique.

PT

Por sua vez, o PT no governo central mostrou as enormes limitações de uma visão social-democrata de um certo tipo de base operário-sindical, além dos desmandos e desatinos de uma burocracia partidária que congelou para si o controle do partido, partido que foi cada vez mais descaracterizado na sua política e na sua democracia interna pela sucessiva exclusão das correntes e dos quadros mais críticos e mais à esquerda, enfraquecendo, assim, mais a capacidade de questionamento interno dos procedimentos e das práticas partidárias. E as políticas adotadas pelo governo Lula seguiram em grande medida as principais diretrizes do capital hegemônico em processo de mundialização, favorecendo o setor financeiro e o setor exportador e adotando mesmo as políticas de focalização preconizadas pelo Banco Mundial. Quanto à política externa, no entanto, claramente não há submissão total aos interesses e às determinações do governo dos Estados Unidos e, como questão particularmente relevante, há uma aproximação significativa com expressões políticas mais à esquerda, principalmente na América Latina. Sabemos bem que uma das principais alternativas à

avassaladora marcha rumo à mundialização do capital hoje hegemônico é a formação de blocos que permitam aumentar a capacidade de resistência às diretrizes e imposições dessa mundialização. A aproximação do Brasil com outros países da América Latina, especialmente se pautada em dimensões político-ideológicas de centro-esquerda, é um dado relevante a considerar.

Diferenças

A grande diferença entre Lula e Alckmin, no entanto, é que numa retomada do poder central pelo PSDB com Alckmin o espaço de questionamento e pressão política à esquerda seria mínimo. Já num eventual segundo mandato de Lula, esse espaço existe atualmente e pode ser ampliado, caso seja ocupado desde o início do novo governo por mobilizações e discussões políticas e ideológicas de diferentes matizes. Esse espaço foi aberto menos por iniciativas da campanha de Lula e mais pela aglutinação e pela agressividade das forças mais conservadoras e mais reacionárias que têm dado o tom e o teor da campanha oposicionista. Diante dessa configuração mais clara do espectro político que resultou da própria campanha, a candidatura Lula passa a ser reforçada por setores sociais e políticos significativos à esquerda, e depende desse reforço, o que abre espaço à esquerda para cobrar reorientações de política no eventual segundo mandato. Essa é uma mudança política bastante significativa, que está levando muitos dos mais críticos ao governo Lula a optarem por votar em Lula no 2º turno.

IHU On-Line - A estrutura partidária e democrática ainda tem lugar em uma sociedade hiperindividualista como a brasileira?

Miriam Limoeiro Cardoso - A luta por democracia é fundamental no Brasil. Aqui nós não conhecemos democracia efetiva. Como tão bem demonstrou Florestan Fernandes, sob o capitalismo dependente, a política no

Brasil oscila entre ditadura aberta e autocracia burguesa. A grande maioria é na prática excluída da cidadania, os direitos são reconhecidos de fato apenas para a minoria privilegiada dominante. Assim, para a população a conquista da cidadania plena é uma luta que ainda precisa ser travada, e que precisa ser travada a cada passo, a cada oportunidade, por pequena que possa parecer. A sociedade brasileira é muito complexa, rica de diferenciações, de conflitos e de contradições. Embora seja submetida a uma dominação ideológica extremamente forte, intensa e abrangente, há sinais de inconformidade, há práticas alternativas de vida, há associações e movimentações de reivindicação, pequenas e grandes lutas. São movimentos que parecem desconexos, e num certo sentido eles começam e estruturam-se mesmo de maneira desconexa, mas podem ser percebidos como indícios de processos de transformação já em curso. No momento, tais processos não parecem tender para uma radicalização e para alguma conexão uns com os outros que mude sua qualidade política, mas a possibilidade para que isso aconteça existe e merece ser levada em conta na reflexão política preocupada com as potencialidades de transformação social mais profunda no Brasil.

IHU On-Line - Como deveria ser um programa social consistente para o Brasil? Criticam tanto o bolsa família, mas que projeto social ocuparia seu lugar?

Miriam Limoeiro Cardoso - Defendo que a dimensão social deve se prioritária na política, junto com o fortalecimento das práticas democráticas e democratizantes. Os direitos à saúde, à educação e à cultura de qualidade, à moradia digna, à alimentação, são direitos de cidadania, que uma política orientada para o social precisa respeitar. Embora haja casos e momentos em que esse respeito envolva um caráter assistencial no atendimento da necessidade, o que se postula é que esse atendimento seja feito regularmente em caráter institucional e permanente.

IHU On-Line - Professora Miriam, qual o Brasil que a senhora quer? Com qual Brasil a senhora sonha?

Miriam Limoeiro Cardoso - Quero viver numa sociedade caracterizada pela liberdade, em que haja diferenças, mas não desigualdades, onde não haja relações de exploração, de dominação e de opressão, numa sociedade democrática, aberta e plural, numa sociedade que não seja regulada por relações mercantis.

Política suicida. Nem Lula nem Alckmin vão mudar

ENTREVISTA COM CARLOS LESSA

Em entrevista exclusiva à IHU On-Line, o ex-presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Carlos Lessa, disse que temos uma política suicida “que combina juros altos com taxas de câmbio valorizadas”. “A única coisa que cresce no Brasil são os lucros dos bancos e o rendimento financeiro das empresas de pessoas muito ricas, e o mercado interno não cresce, é um círculo vicioso”, completou.

Lessa é economista, com mestrado em Análise Econômica e doutorado em Economia. Atualmente é professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de economia, com ênfase em Economia Industrial, atuando principalmente nos seguintes temas: economia e análise. Entre seus livros estão: Os Lusíadas na Aventura do Rio Moderno. Rio de Janeiro: Record, 2002 e Depois do Atentado. Notícias da Guerra Assimétrica. São Paulo: Garamond, 2002. A entrevista a seguir foi concedida por telefone à IHU On-Line.

IHU On-Line - Qual seria na sua visão um diagnóstico econômico do Brasil de hoje?

Carlos Lessa - Sou extremamente crítico e preocupado com o desempenho da economia brasileira nos cinco anos. O Brasil não cresce. Na verdade, o nosso crescimento médio nesses anos foi em torno de 2,3% ao ano. Nos últimos anos, cresceu um pouquinho mais, 2,6%. Como a população cresce 1,6% ao ano, praticamente a renda *per capita* não cresce, para dobrar seria necessário pelo menos quatro gerações nesse ritmo. Na América do Sul, que não é um continente muito brilhante, nós estamos em péssima posição, somente o Haiti cresce menos que o Brasil. Esse é o primeiro problema. O segundo problema é o volume de desemprego que existe na sociedade, que é devastador. Nós devemos ter algo em torno de 25% da força de trabalho ou desempregada ou subempregada. Esse que é o problema sério. Para isso o País precisa crescer. Porém, tanto a administração da

política econômica dos anos 1990, inaugurada por Collor e aprofundada por Fernando Henrique Cardoso, quanto a política de Lula, que, de certa maneira, deu continuidade ao que aconteceu no governo tucano, não é capaz de fazer o País retomar o crescimento. O máximo que se consegue é o que eu chamo de “vão de galinha”. Um ano a taxa melhora um pouquinho, a galinha dá um pulinho, mas ela não tem sustentação, então volta de novo para o chão do galinheiro. Por que digo isso? Por uma razão muito simples: apesar de a mídia fazer um esforço enorme para apresentar um cenário favorável, a verdade é que não há nenhum indicador objetivo de melhora. O Brasil vem perdendo posição no cenário mundial de uma maneira assustadora. Em 1980, nós éramos a 8ª economia industrial do mundo, hoje nós somos a 13ª. Estamos ficando para trás, perdendo o bonde da história.

Política econômica

Acho que a política econômica, tanto do governo tucano quanto do governo do PT, não mudou nada e permitiu que se praticasse no Brasil uma especulação financeira selvagem. A única coisa que cresce no Brasil são os lucros dos bancos e o rendimento financeiro das empresas de pessoas muito ricas, e o mercado interno não cresce, é um círculo vicioso. Eu acho que nem o candidato Alckmin, nem o candidato Lula vão mudar esse quadro, nem dão sinais disso. Acompanhei com muita atenção o debate deles. Eu sintetizaria, dizendo o seguinte: para o candidato Alckmin a questão é só de gestão. Se houver uma boa gestão, o país volta a crescer. Isso é uma bobagem! Não é gestão que resolve os problemas como caixa de investimento macroeconômico, mercado interno, criação de infra-estrutura. É óbvio que a gestão é importante, mas imaginar que o Brasil vai voltar a crescer com gestão é uma declaração absolutamente vazia. Boa gestão não garante nada. Já o presidente Lula declara que está extremamente satisfeito com o que fez e que daqui para a frente vai colher os louros do que foi feito. Ele acha que acertou. Se ele acertou, não vai mudar no outro período. A projeção que eu faço do debate é que será tudo como antes, nada se modificará. Isso me dá uma aflição enorme.

IHU On-Line - Como seria um projeto desenvolvimentista do ponto de vista econômico para o Brasil? Quais seriam os pontos centrais e suas características? O senhor poderia citar cinco elementos fundamentais para traçar um projeto de desenvolvimento para o País nos próximos anos?

Carlos Lessa - O Brasil é um país baleia, é um país com grande território, com uma grande população, com mais de 10 regiões metropolitanas, com uma rede de cidades muito bem organizada, com mais de 5 mil localidades urbanas. Então o Brasil só tem uma maneira de crescer,

que é apostando no mercado interno. O mercado interno amplia-se por alguns mecanismos, um deles é um mecanismo que o governo tucano e Lula adotaram: elevar o salário mínimo em termos reais, mas só isso não é suficiente. Tampouco é suficiente criar mercado interno financiando as famílias, se elas se endividam, se não houver emprego, chegará uma hora em que elas vão dar calote, não tem como. Nós estamos chegando lá, a essa posição de exaustão de capacidade de financiamento familiar. Então só tem uma maneira: gastando em atividades relevantes. O que são atividades relevantes? Há muitas. Se observarmos as cidades brasileiras, por exemplo, existem questões ligadas à habitação: a rede de saneamento, a melhoria urbana, a melhoria de água e esgoto etc. Se nós tivéssemos um programa desses, estaríamos gerando uma qualidade enorme de empregos em milhares de cidades. É um emprego de mão-de-obra não muito qualificada e demanda de materiais de construção quase sempre locais. Então teríamos um efeito relevante de ação de mercado interno. O Bolsa Família fez isso pelos supermercados no Nordeste, mas se houver uma política que fosse para valer, teríamos isso em todo o Brasil, com o dado adicional que é o seguinte: a família que melhora a sua qualidade de vida, adquire outras coisas para dentro da casa, algum móvel ou eletrodoméstico, então haverá uma ativação de toda a economia. O setor externo tem que continuar sendo tocado como está, só tem um problema muito sério, que é a taxa de câmbio. Essa taxa de câmbio que está aí, extremamente valorizada, penaliza a maior parte das exportações, vocês na região do sul sofrem muito com isso. Vocês aí no Vale do Rio dos Sinos, entre Novo Hamburgo e São Leopoldo, têm uma variedade enorme de indústrias de calçados que fecharam, porque não conseguem se segurar com essa taxa de câmbio, e o mercado interno também quase não compra calçados, porque as pessoas não têm dinheiro. Por que a taxa de câmbio é mantida

tão valorizada? Porque é um mecanismo pelo qual o Banco Central quer segurar a inflação. Então os produtos ficam baratos, galinha fica barata, ovo fica barato, ele segura a inflação com a redução da rentabilidade das exportações e arrebenta setores importantes como a indústria de calçados. Aí vem a outra medida absolutamente louca que o governo faz, facilitar importações, porque está entrando muito dólar e não tem compras, então tem que estimular a importação. O que está acontecendo? Inundação de objetos chineses por todo o lado. No Palácio do Planalto, a borrachinha de apagar papel é chinesa, o brinquedo é chinês, a roupinha de criança é chinesa, e por aí vai. O importante mesmo são essas quantidades imensas de coisas leves. Com isso, atinge-se mais nossa indústria, espremendo-a. É uma política suicida que combina juros altos e taxas de câmbio valorizadas. É o que o Brasil faz. A minha aflição é que, para mim, nem o Alckmin, nem o Lula vão mudar. Eu não estou esperançoso, estou muito angustiado. Eu vejo que as manchetes mostram um pouco disso também, de um modo geral as pessoas estão muito desencantadas. O Brasil tem tudo para crescer. Nós temos uma natureza muito favorável, não temos terras geladas nem terras secas, temos 8.500 km de fronteira, uma base industrial relevante, já temos um sistema de ciência e tecnologia, como é que não vamos para a frente? Não vamos, porque a escolha fundamental desse país é servir ao capital financeiro. Só isso.

Celso Furtado

Retomar o sonho de Celso é retomar o sonho de uma série de brasileiros. Celso Furtado propôs muitas coisas que não foram adotadas. Inclusive do ponto de vista teórico. Isso chamou a atenção nos seus escritos do texto final da saída, sob uma dimensão fundamental nesse jogo todo, a dimensão cultural *lato-sensu*. Não é cultural no sentido de desfrutar produções estéticas, é cultural no sentido de capacidade de refletir sobre as coisas que

pensamos e fazemos, isto é cultura no sentido mais amplo. Temos que restabelecer o processo de vida cultural brasileira. Acho, por exemplo, que o nosso sistema educacional tem que ser revisitado com esse objetivo. Não é para gerar emprego não, porque não geramos emprego pelo sistema educacional. Geramos cultura que faz o País avançar. Um exemplo dramático: fizeram um inquérito para avaliar o grau de capacidade do jovem de 12 a 16 anos em interpretação de texto e cálculo aritmético, 31 países participaram dessa avaliação. O Brasil foi o 31º, o pior colocado. É terrível isso. Nós precisamos voltar a pensar o Brasil como terra do futuro. Acho que é por aí que a gente pode reconstruir.

***IHU On-Line* - E quanto à proposta de Nakano, de controlar a entrada de capitais? Isso é viável ou seria interferir no mercado de forma demasiada?**

Carlos Lessa - A China faz isso. Ela não deixa que entre no país nenhum capital que não seja para aplicação produtiva, discutindo previamente o que será feito com ele. Aqui no Brasil, fizeram uma promiscuidade total. O Meireles faz isso, inclusive como mecanismo para manter o câmbio elevado. O Nakano nisto está certo, em outras coisas está errado.

***IHU On-Line* - Para o senhor, qual é a principal novidade destas eleições? Qual sua percepção sobre o segundo turno entre Lula e Alckmin? O que está faltando no debate eleitoral?**

Carlos Lessa - Está faltando é um projeto para o Brasil. Eles não tiveram capacidade de formular nenhum projeto. Vamos para lugar nenhum.

Desencanto

O desencanto não é só político, é mais grave do que isso. A democracia tem na coluna vertebral o princípio da representação. O que acontece com esse princípio no

Brasil? A maioria da população não dá a menor bola para isso. Como o processo de debate político está desconstruindo a idéia do político, reforça-se a idéia de que a representação não é importante. Se consultarmos as pessoas, elas vão dar o nome do presidente, do governador e do prefeito, se indagarmos pelo senador, pelo vereador e pelo deputado, elas não sabem, 30 dias depois, os nomes das pessoas em quem votaram. Não dão a menor importância. Há um jogo muito perverso, esteriliza e acaba com a idéia da política. Esse é o problema. É muito grave. Esse fenômeno é absolutamente inquietante. Como revitalizar a visão democrática e política? Eu acho que é necessário restaurar a esperança das pessoas. O movimento social prospera quando tem um objetivo claro. O movimento sindical está debilitado, o movimento estudantil está debilitado. O único movimento social que tem alguma força no momento é o de reforma agrária, que assim mesmo está saturado. É muito complicado.

IHU On-Line - Sobre o desemprego, qual seria a solução mais plausível que o novo governo deveria tomar?

Carlos Lessa - É impossível o Brasil voltar a crescer, se não empurrar para baixo substancialmente a taxa de juros. A taxa de juros está produzindo dois efeitos terríveis no País: primeiro desestimula o investimento produtivo pelas empresas, elas ganham é com investimento financeiro. Se examinarmos os balanços das

empresas, nas bem-sucedidas, o que cresce é a receita não-operacional, ou seja, a receita financeira. Com essa taxa de juros, a capacidade de investimento do setor público é aniquilada. Esse ano o governo federal vai gastar 160 bilhões em juros. Com esses juros obscenos que o Brasil paga só prospera o quê? O resultado dos operadores de mercados capitais e os aplicadores financeiros. Quem são eles? Quem são os donos de título de dívida pública? É uma brutalidade. Não vejo indicadores de mudança nesse quadro. Vou votar no segundo turno com muita angústia, na certeza de que o meu voto não tem significado num quadro desses.

IHU On-Line - Que Brasil político, econômico e cultural o senhor quer?

Carlos Lessa - O meu sonho é um que vem ao longo de séculos atravessando o País. É fazer deste um país onde as pessoas convivam umas com as outras. Alguns componentes nós temos. A civilização brasileira não é maravilhosa, mas é a sociedade que tem menos preconceitos étnicos e religiosos. Nós somos tolerantes, não somos orgulhosos, não somos arrogantes, gostamos muito de festa. Nós somos um povo da festa, em princípio uma manifestação muito positiva. Temos um fundo propiciatório de uma civilização muito interessante, mas precisamos gerar emprego e dignidade para os brasileiros, o que sem crescimento nós não vamos ter. Por isso, a minha aflição com a qualidade do debate político na televisão.

De volta para o passado

ENTREVISTA COM JOÃO SICSÚ

João Sicsú é professor no Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutor em Economia pela UFRJ. Nesta entrevista, concedida por telefone à IHU On-Line, Sicsú disse que “o Brasil está num movimento de volta para o passado”. “Atribuo isso aos governantes, pois isto foi uma decisão política”, completa.

*IHU On-Line já entrevistou Sicsú nas edições 174 e 185. O professor é organizador e co-autor dos livros *Agenda Brasil: políticas econômicas para o crescimento com estabilidade. Barueri: Manole, 2003* e *Novo-desenvolvimentismo: um projeto nacional de crescimento com equidade social. Barueri: Manole, 2005*, entre outras publicações. Sua página pessoal-profissional é www.ie.ufrj.br/moeda/sicsu*

IHU On-Line - Que diagnóstico econômico o senhor faz do Brasil hoje?

João Sicsú - O Brasil está parado no tempo. Parado em relação aos países em desenvolvimento. Esses países estão crescendo a taxas muito elevadas, estão se distanciando do Brasil, não só quanto ao crescimento, mas quanto às mudanças estruturais em suas sociedades. Estão se tornando mais educados, com mais geração de tecnologia, com mais capacidade de absorver esta tecnologia, com mais capacidade de produzir bens mais sofisticados. Enfim... E o Brasil está seguindo o caminho inverso. Nosso crescimento é muito baixo, 2,5% ao ano, em média, um crescimento medíocre, insuficiente para as necessidades brasileiras. Na verdade, estamos andando para trás com relação à industrialização, porque o País está se especializando em desenvolver produtos básicos que requerem pouco capital, pouca tecnologia, pouco capital humano, como soja, café, suco de laranja, minério de ferro. Isso tudo vai conformando a história brasileira de uma forma tal que estamos voltando décadas para trás.

Mudança urgente

O Brasil precisa mudar a sua estrutura. Nós precisamos investir drasticamente em educação e em nosso processo de industrialização. O que nos prejudica são variáveis macroeconômicas, ou seja, nenhum país se desenvolve com uma taxa de juros tão alta como a nossa. A taxa de juros que temos não estimula o investimento privado, a geração de empregos. Simplesmente, é sempre mais rentável comprar um título público a comprar uma máquina que gera empregos. Nessas condições, o investimento do governo, também se torna reduzido, pois a despesa do governo para pagar juros é elevadíssima. É aproximadamente 150 bilhões de reais por ano. E na educação? O governo gasta somente 10% disso, ou seja, 15 bilhões por ano. Esta taxa de juros elevada atrai capitais estrangeiros, atrai dólares. O dólar torna-se barato no Brasil e dificulta nossa exportação de produtos industrializados, exportamos cada vez mais produtos básicos, e esses produtos encontram mercados internacionais, apesar dessa taxa de câmbio que não

favorece as exportações, porque o seu preço internacional cresceu muito nos últimos anos. Os países em desenvolvimento, como a Índia, a China e também os EUA e a Europa mantêm uma taxa de crescimento compatível com suas necessidades e são economias que, quando crescem, provocam um movimento grande de exportação de produtos básicos no mundo. Economias grandes, ainda que cresçam pouco, movimentam o mundo. E nós estamos na retaguarda desse movimento de transformação de sociedades que cada dia mais se desenvolvem. Particularmente, países em desenvolvimento como Malásia, Coréia do Sul, China, que estão transformando suas estruturas, estão se industrializando cada vez mais e educando cada vez mais a população. O Brasil está num movimento de volta para o passado.

IHU On-Line - A quem o senhor atribui esta volta no tempo?

João Sicsú - Atribuo aos governantes, pois isso foi uma decisão política. Um país não segue um rumo inevitável porque nasceu destinado ao atraso, aqui no Brasil foi escolhido o caminho de ficar parado ou andar para trás. Basta querer! O Brasil já provou que pode fazer. Há décadas, o Brasil decidiu que iria produzir aviões. Naquela época, parecia uma decisão exótica. Ou seja um país que estava dando os primeiros passos no caminho do desenvolvimento já avisa o mundo que vai produzir avião, e também não tinha mão-de-obra para isso. Foi feito investimento na formação de pessoal, no Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), foi feito investimento na Embraer e anos depois o resultado é que o Brasil que produz soja, café, também pode produzir aviões que são exportados. Sabem para onde? Para os Estados Unidos. Então, é uma decisão de governo: queremos ir para frente ou queremos ir para trás? Nos últimos governos, decidiram que vamos para trás.

IHU On-Line - Dentre os candidatos à Presidência, Alckmin e Lula, o senhor visualiza alguma mudança econômica?

João Sicsú - Acho que a única diferença entre eles é que, com o Alckmin, vamos mais rápido para trás. Acho que existem correntes dentro do PSDB e do PT que têm intenção em mudar os rumos do País. Mas essas correntes são minoritárias e já se mostraram incapazes de tomar a direção dos partidos e do governo. Na época do FHC, também existiam ministros e economistas que contestavam os caminhos adotados, mas não foram capazes de virar o jogo. O mesmo aconteceu nos quatro anos do governo Lula, ouvimos dizer que existem oposições dentro do governo que querem mudar, e eu acredito nisso, na sinceridade das pessoas, o problema é que essas pessoas não têm força política para mudar. Existe gente disposta a mudar o País nos dois partidos, mas a chance desses grupos de assumirem a condução da política do Brasil é muito pequena e diria que é menor ainda dentro do PSDB.

IHU On-Line - O senhor votou na Heloísa Helena no primeiro turno. O que o senhor esperava dela para a economia do Brasil?

João Sicsú - Eu esperaria, primeiramente, que ela tivesse feito uma campanha mais concentrada na mudança do modelo econômico. Não tenho a menor dúvida de que o Brasil precisa mudar em quase todas as áreas: fazer uma revolução na saúde, na educação, na cultura, mas o nó é o orçamento do governo, é o desenvolvimento econômico. Com o orçamento mais folgado e com desenvolvimento econômico, abre-se espaço para a revolução nessas áreas. Heloísa Helena deveria ter concentrado a sua campanha na necessidade de mudar o modelo econômico. O Brasil não vai mudar com bolsa família, com o Prouni, com microcrédito, com crédito consignado; todos esses programas são bem vindos. O Brasil vai mudar no dia que gerar milhões de

empregos, o dia que o governo conseguir ter uma boa arrecadação, uma reduzida despesa de juros e, portanto, ele terá um orçamento folgado para revolucionar a saúde, a educação, a cultura. E só olhar para os países em desenvolvimento e perceber que todas as mudanças nas áreas educacionais, da saúde etc., que eles fazem, podem fazer porque o governo pode gastar.

IHU On-Line - O que é ser de esquerda hoje em dia?

João Sicsú - Ser de esquerda é defender uma sociedade e uma economia com igualdade de oportunidades, com direito universalizado ao emprego e com uma justa distribuição da renda e da riqueza. Em outras palavras, considero-me de esquerda porque sou um radical defensor do acesso universalizado à educação, ao sistema de saúde, à cultura, ao lazer, ao trabalho e com amplas liberdades políticas e de expressão.

IHU On-Line - O senhor escreveu um artigo chamado Rumos da liberalização financeira, quais são as principais idéias do artigo?

João Sicsú - O governo Lula vem aprofundando a liberalização financeira que o País iniciou em 1992. FHC deu muitos passos nessa direção e o governo Lula vem contribuindo e aprofundando a liberdade para os capitais. Liberalização financeira significa liberdade para os capitais para entrar e sair do País. Esperávamos que o governo Lula estancasse o processo. Com essa liberdade para os capitais se movimentarem, além do problema

econômico, trazem para o País uma questão fundamental a ser discutida pela sociedade, referente ao funcionamento da nossa democracia, pois capitais livres no País passam a ter poder político, passam a ter mais força e peso que a própria sociedade. Capitais com liberalização financeira podem causar a qualquer momento uma crise cambial. Liberalização financeira significa dizer que os capitais estão livres para sair na quantidade e momento que desejam. Isso significa dizer que qualquer tentativa de mudança política interna pode ser rejeitada pelos capitais. Eles podem vetá-la, realizando uma fuga do País e, em consequência, uma crise cambial. Quem decide se vai ter crise ou não, são 30, 40, 50 analistas financeiros. Enquanto a sociedade vota de quatro em quatro anos, os capitais vetam decisões todos os dias. Bancos e instituições financeiras ganharam poder político no Brasil. A sociedade perdeu poder político. A ela são oferecidos processos eleitorais que não podem mudar nada. Processos eleitorais, portanto, sem a sua essência: que é a possibilidade de mudança.

IHU On-Line - Lula ou Alckmin para presidente?

João Sicsú - Vou usar uma figura metafórica. O Alckmin vai nos colocar no abismo, Lula nos colocou à beira dele. Da beira do abismo ainda é possível escapar, de dentro dele é muito mais difícil.

“Vivemos um cenário de refluxo do movimento social”

ENTREVISTA COM JAIRO NICOLAU

O cientista social Jairo Cesar Marconi Nicolau, do IUPERJ, acredita que os partidos brasileiros estão fragilizados e que precisamos fortalecê-los. Ele aposta em outras reformas de participação da sociedade na política, afirmando que “a riqueza de uma democracia se deve em larga medida à riqueza do envolvimento dos cidadãos com a política para além do partido, da eleição”. Jairo Nicolau possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense, mestrado e doutorado em Ciência Política (Ciência Política e Sociologia) pela Sociedade Brasileira de Instrução (SBI/IUPERJ). Atualmente é professor adjunto da mesma instituição. Tem experiência na área de ciência política, com ênfase em comportamento político, atuando principalmente nos temas de sistema partidário e partidos políticos. Entre seus livros publicados, citamos História do Voto no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002 e Sistemas Eleitorais. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004. Confira, a seguir, a entrevista que o professor nos concedeu por telefone, na última semana:

IHU On-Line - Como podemos pensar a democracia no Brasil de hoje? Ela e a estrutura partidária ainda têm espaço na sociedade hiperindividualista de nosso país?

Jairo Nicolau - Do ponto de vista do quadro geral, acho que avançamos bastante com relação ao arranjo democrático. Estamos fazendo quase 20 anos da Carta de 1988. As instituições no Brasil são razoavelmente sólidas quanto à durabilidade e também não há nenhuma ameaça importante para a quebra da ordem democrática. Os militares, por exemplo, voltaram para os quartéis e abandonaram a política. Nós não temos nenhuma ação revolucionária de um grupo produzindo ações terroristas, boicotes, ou coisas do gênero. Todo o jogo político hoje se faz na arena eleitoral, parlamentar.

5 A Constituição Brasileira de 1988 é a Lei Maior vigente no Brasil, segundo a qual se rege todo o ordenamento jurídico do País. É a sétima (ou a oitava, para alguns, considerando a Emenda nº 1, decretada pela Junta Militar à Constituição Federal de 1967, como uma nova Constituição Federal de 1969) a reger o Brasil desde a sua Independência. (Nota da *IHU On-Line*)

A vitória de Lula em 2002 significou isso, uma alternância do poder real no Brasil, que foi o fato de um partido de esquerda assumir o poder sem nenhum grave conflito social, sem nenhuma resistência pesada, o que mostra a maturidade do País. Nós afastamos um presidente por *impeachment*. Hoje esse presidente, depois de 14 anos, volta ao Senado, com uma certa tranquilidade, após passar o período de oito anos de cassação, ele volta à vida pública. Tudo isso revela um amadurecimento do processo democrático no País sem grandes solavancos.

IHU On-Line - Quais as condições dos partidos políticos hoje na sua opinião?

Jairo Nicolau - Os partidos hoje poderiam estar em uma situação um pouco melhor. Eles deram, nessa campanha particularmente, sinais claros de cansaço, de estresse, mostrando dificuldade de representar os interesses das pessoas, dos indivíduos. Pelo menos aqui no Rio de Janeiro, na campanha para a câmara dos deputados e para a assembleia legislativa, os candidatos

praticamente não falaram o nome dos partidos, como se eles tivessem desaparecido. Era um festival de candidatos tentando se distinguir um dos outros por atributos pessoais. Ninguém valorizou o fato de pertencer a um determinado partido e se honrar disso. O presidente Lula, nem uma vez sequer durante a campanha, fez menção ao fato de pertencer ao partido dos trabalhadores. Isso é bem revelador de um momento que os partidos brasileiros vivem, de muita divisão interna, de descrédito da população e num cenário de muita incerteza por conta da introdução da regra dos 5%, a cláusula de barreira⁶. Some-se a isso uma potencial reforma política no ano que vem.

Nós fechamos um ciclo no País, no qual os partidos foram muito importantes. Estamos precisando de partidos um pouco mais fortes, com menos trocas de legendas durante o mandato. Precisamos de partidos mais orgânicos, operando de maneira mais concertada e sem líderes individuais, um com cada cabeça. Estamos vendo isso de ponta a ponta no Brasil. O partido decide uma posição, e um líder regional resolve tomar outra. Tem vários casos de divisão acontecendo. Um exemplo é o PPS, com o Blairo Maggi, governador reeleito do Mato Grosso pelo partido, apoiando Lula. Outro caso é o da Roseana Sarney apoiando Lula, mesmo sendo do PFL. Cito aqui até mesmo o fato de o PDT não assumir uma posição nacional, deixando seus quadros livres para apoiarem o candidato que considerarem o melhor. Isso é revelador

6 A cláusula de barreira é um dispositivo legal da legislação eleitoral brasileira que exige de um partido ou coligação partidária um número mínimo de votos para que seus votos sejam considerados na divisão proporcional das cadeiras das câmaras federais, estaduais ou municipais. Segundo o artigo 13 da lei dos partidos políticos, são exigidos no mínimo 5% do total de votos para Câmara dos Deputados para que o partido tenha funcionamento parlamentar em qualquer Casa Legislativa. O mesmo nome aplica-se à exigência de um número mínimo de votos para um partido ou coligação manter sua existência. (Nota da *IHU On-Line*)

desse cenário de fragilidade dos partidos. É preciso fortalecer os partidos brasileiros.

***IHU On-Line* - Quais são os interesses que os partidos representam hoje?**

Jairo Nicolau - É difícil falar dos interesses. Os partidos hoje estão sem nenhuma vocação para tentar ocupar a Presidência, ou com baixíssima discussão interna sobre propostas para o País. Na verdade, muitos partidos são siglas que abrigam caciques locais, regionais. Uma característica dos partidos hoje é que eles estão em baixa intensidade de debate doutrinário, programático, de formulação intelectual. Os partidos vivem como grandes guarda-chuvas de lideranças locais e regionais. Basicamente, temos essa configuração padrão. Alguns com vocação mais de operar na Câmara dos Deputados e no Senado, outros com alguma ambição de controlar alguns estados, mas poucos partidos estão realmente preparados e formulando propostas para o País, com intelectuais em seus quadros. O que está faltando aos partidos brasileiros é serem mais do que simplesmente a reunião de lideranças locais, cada uma com seu interesse, sua ambição, e transcenderem um pouco esse localismo, esse particularismo, pensando projetos mais sistemáticos, direcionados para todo o Brasil.

***IHU On-Line* - É o momento de pensarmos em novos mecanismos políticos? Se sim, quais e como seriam eles? Com mais participação da sociedade civil?**

Jairo Nicolau - Eu vejo isso muito bem. Quanto mais envolvimento da sociedade civil, seja por intermédio dos órgãos de representação, sindicatos, associações, seja por intermédio da ação dos cidadãos, individualmente, na política. Não precisa ser necessariamente na arena partidária, parlamentar. Outras formas de envolvimento de cidadãos com a política são sempre bem-vindas por associativismo seja filantrópico, seja cultural, seja

cívico. A riqueza de uma democracia deve-se, em larga medida, à riqueza do envolvimento dos cidadãos com a política para além do partido, da eleição.

O problema é que hoje vivemos um certo ceticismo da população brasileira, ou pelo menos uma falta de interesse em envolver-se com esses organismos. Então, não vivemos um momento propriamente de grande vitalidade organizacional, associativista. O movimento de bairros e o associativismo de vizinhança caíram muito, o movimento sindical vive um período muito voltado para as questões típicas de cada categoria, o movimento de estudantes está sem vitalidade, o movimento ambientalista também fica muito circunscrito a uma área ou outra, e mesmo o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), que era o grande movimento social da década de 1990, anda muito devagar, perdeu a força, o ímpeto e o apoio que ele tinha inclusive na classe média urbana. Vivemos um cenário de refluxo ou de baixa mobilização social.

***IHU On-Line* - Que aspectos não poderiam ser deixados de lado em uma reforma política para o Brasil?**

Jairo Nicolau - Numa reforma política, temos que pensar primeiro como fortalecer os partidos. Depois, também precisamos criar novas regras de financiamento de campanha, já que as atuais chegaram ao limite, não funcionam mais, não equacionam mais os desafios de uma democracia de massas como a brasileira. Têm-se visto escândalos permanentes, caixa dois, e campanhas muito caras. E também é preciso mudar uma coisa ou outra no sentido de dar mais vitalidade ao processo eleitoral. Os outros tópicos dependem muito das preferências pessoais ou de como os partidos se armam para essa discussão.

***IHU On-Line* - E por onde deveria passar a formulação de um projeto de país para o Brasil?**

Jairo Nicolau - Com relação a questões mais profundas, para além da reforma política, há uma série de desafios que estão “quicando” para serem pensados com mais calma. Neste fim de campanha presidencial, vemos uma discussão sobre o papel do Estado no Brasil. Afinal, que papel deve ter o Estado? Ainda controlar parte da economia com suas empresas? Qual o papel do Estado como provedor de benefícios redistributivos, como a área social, os programas de renda mínima e transferência de renda? Outro tópico importante é a reforma da previdência, que apareceu como um tema controverso. Há a necessidade de pensarmos um desenho previdenciário mais equânime, e que tenha sustentabilidade a médio prazo, para as gerações que estão começando a trabalhar, ou estão no meio da sua vida profissional útil e querem garantir as mínimas condições para o futuro.

Outro desafio também com relação ao papel do Estado é o de um projeto de desenvolvimento, para fazer o Brasil crescer de forma sustentável. Nós precisamos enfrentar uma discussão séria, que não foi feita pelos candidatos a presidente. Por exemplo, o tema da previdência, os dois agora no segundo turno se esquivaram de debater, porque é um tema explosivo. O tema da política social todo mundo é a favor, todo mundo é contra a reforma da previdência porque é um tema que mexe com muitos interesses. Todos querem que o Brasil gaste muito com programas sociais e todo mundo é a favor de que o Brasil volte a crescer. O problema é que se não temos claro quais são os caminhos para chegar a esses objetivos, fica muito difícil sair desses clichês que temos visto nas campanhas.

Se tirarmos as peças de acusação entre os candidatos, há um enorme consenso em relação às propostas. Só não querem ver isso os militantes de cada campanha. Se, por brincadeira, tomarmos nota de “quem disse isso e quem disse aquilo”, sem colocar o autor, as pessoas vão se confundir, porque eles dizem rigorosamente a mesma

coisa. É uma agenda que não quer mexer com o eleitor médio nem com temas explosivos, não quer enfrentar certos desafios, por exemplo, discutir para valer o papel das empresas privadas, a previdência, debater uma forma de tirar as pessoas do Bolsa Família, e não colocar mais gente, elaborando um projeto de desenvolvimento que consiga tirá-las, fazendo-as ganhar autonomia, tendo um trabalho, requalificando-se profissionalmente. Esses temas precisam ser enfrentados.

***IHU On-Line* - Como seria o projeto de país para a esquerda e para a direita? Lula e Alckmin defendem um projeto de país? Como seria o projeto em cada caso?**

Jairo Nicolau - Entender as duas candidaturas como expressão de direita e esquerda é forçar a barra. Isso as duas campanhas estão tentando fazer, sobretudo a campanha do Lula, tentando empurrar o Alckmin para a direita, mas não é o caso. O governo Lula, por exemplo, adotou várias políticas na área macroeconômica. Foi um governo que deu continuidade às premissas das políticas macroeconômicas de Fernando Henrique Cardoso, com uma óbvia diferença aqui e acolá. A autonomia do Banco Central, com metas inflacionárias, superávit fiscal, responsabilidade fiscal desenhada pelo Fernando Henrique, toda essa agenda foi seguida, e esse tema não apareceu na campanha como um tema que dividisse.

Não dá para dividir os candidatos como expressão simples e sem matizar um pouco da esquerda e da direita, porque ambos os candidatos têm apoios de partidos e de figuras ligadas à esquerda e à direita. Ambos têm apoio dos setores mais “atrasados” da política brasileira, mais conservadores não no sentido do conservadorismo doutrinário, mas do conservadorismo de práticas clientelistas. Ainda que os militantes queiram, é difícil avaliar o governo Lula como expressão pura e simples da esquerda, e é difícil imaginar a campanha do Alckmin como uma campanha de expressão pura e

simples da direita. O governo Lula pode ser classificado hoje, no máximo, como governo de centro-esquerda, com boa vontade nós acrescentamos esse qualificativo de esquerda. E o candidato Alckmin seria de centro. Os dois políticos são muito pragmáticos, são pouco ideológicos.

***IHU On-Line* - O senhor vê que eles estão defendendo um projeto de país?**

Jairo Nicolau - Não, não estão. No fundo, os projetos são muito parecidos. É até curioso, pois em alguns tópicos parece que as coisas se invertem. Lula tem enfatizado mais o ensino de terceiro grau, com as universidades, Prouni, as novas universidades nas áreas populares, em cada centro do País um pólo, o que não seria uma agenda da esquerda. E Alckmin tem chamado a atenção para o ensino fundamental, ampliação do ensino médio, e tem falado mais nisso do que o PT.

Política de assistência

Ambos concordam que o Bolsa Família foi um avanço e ambos vão mantê-lo. Ambos falam que o Brasil tem que crescer e que os dois têm as receitas para isso. Ninguém quer falar em cortes, porque isso é impopular. Ninguém quer falar de previdência, embora saibamos que quem vencer terá de fazer uma reforma da previdência. Ano que vem será um ano com menos capacidade de investimento do que esse ano, mas isso tudo ninguém quer falar. A campanha esconde os temas controversos e se agarra a temas fáceis. Ninguém quer receber o ônus de chutar os fatos, quem for contra o Bolsa Família perde a eleição no outro dia. Quem falar de privatizar a Petrobras perde a eleição na hora seguinte. São temas intocáveis. Falar de previdência é mexer com o interesse de um enorme contingente de funcionários públicos, aposentados, associações, sindicatos e base eleitoral. São temas que em uma campanha só podem mexer candidatos que não vão vencer, que querem politizar a campanha e podem falar o que pensam. Um candidato

nas circunstâncias de Lula e Alckmin não diz o que vai fazer. Ele fala o que as pessoas querem ouvir.

IHU On-Line - Podemos considerar o PT ainda como um partido de esquerda?

Jairo Nicolau - O PT sim, ele está à esquerda do Lula. O PT tem uma certa autonomia, ainda que hoje o partido esteja muito zozzo, depois desses escândalos que envolveram os principais dirigentes, todos foram afastados, e com um certo declínio eleitoral nos centros urbanos, que o partido sofreu agora. O PT vai ter que fazer um processo de reconfiguração, de peneiramento dos seus quadros e dos seus programas, e daí vamos saber o que ele pensa. Por enquanto, o PT, nesses últimos anos, ficou muito ligado a ser o partido do Lula, o partido que resolveu dar suporte ao Lula. Agora é hora de mostrar o que o partido pensa para além do governo Lula. O PT é o defensor do que o Lula faz? O PT tem marcações próprias que o governo Lula não está implementando? O PT vai ser a favor da mesma agenda econômica e social, do Bolsa Família, das agências reguladoras? Tudo o que o Lula fizer vai ser o programa do PT ou o PT tem que pensar o Brasil para além do governo Lula? É uma tensão que sempre esteve presente, mas nos últimos anos, como o partido afundou em uma crise interna muito grande, acho que ele não teve tempo para definir-se em relação a esses tópicos e pensar seu grau de autonomia ou de adesão em relação ao presidente Lula.

IHU On-Line - Como classificar o PSDB e o PMDB? Quais as principais correntes dentro desses dois partidos?

Jairo Nicolau - O PSDB ainda, apesar do nome, não é propriamente um partido social democrata à antiga. É mais um partido de corte liberal, de centro. Se fosse na Europa, o PSDB seria certamente classificado como um partido de centro, e não como um partido social

democrata. Os programas dele têm apoio da classe média, com uma agenda muito ligada à herança do Fernando Henrique. É um partido ligado à era Cardoso e seus feitos e defeitos, e é obvio que há uma corrente no partido um pouco menos liberal e com flertes mais estatistas, como é o caso do governador eleito de São Paulo, José Serra. Hoje o PSDB é um partido de centro, com enorme apoio da classe média, e muito ligado à defesa e aos tópicos da era Cardoso.

O PMDB é um partido curioso, que é a configuração mais bem acabada do que eu acabei de dizer de um partido que é uma confederação de lideranças estaduais e que não consegue sair disso. Uma parte dessas lideranças estaduais são lulistas, outra antilulistas, como antes eram henriquistas e anti-henriquistas, uma parte do partido vai para a oposição, uma parte fica com o governo, uma parte dá votos para o governo, outra dá votos contra e o partido vive muito bem. Há três eleições que não disputa a eleição presidencial com candidato próprio. E o balanço interno dele se dá em função desse equilíbrio ou desequilíbrio entre as forças estaduais. Não é um partido vocacionado para a presidência, não consegue transcender essa sua marcação de confederação e também não é um partido que tenha uma marca doutrinária particular, não tem uma herança para defender, nem uma agenda a propor. Hoje o País está vivendo em função do contraste de duas eras: a era Cardoso e a era Lula. E se Lula vence essa eleição, vamos ter duas eras de oito anos cada uma e o contraste deve marcar a política brasileira por um bom tempo. E o PSDB e o PT se destacam como grandes herdeiros, como grandes defensores e acusadores dessas duas eras.

IHU On-Line - Que País o senhor deseja? Com qual Brasil o senhor sonha?

Jairo Nicolau - Acho que temos muitos desafios pela frente, para enfrentar nos próximos anos. Talvez um dos maiores deles seja a segurança pública. O País com que

eu sonho, depois que morei um ano na Inglaterra, ano passado, é um país em que a gente recupere as ruas, a tranqüilidade para se deslocar, com confiança de que possamos voltar a ocupar as ruas para brincar, para o lazer, para se divertir, coisa que perdemos e que algumas gerações nunca tiveram, que é o espaço público como um espaço de tranqüilidade. Esse não é mais hoje problema das grandes cidades, a insegurança é de ponta a ponta no País, e isso é um problema gravíssimo, de um país violento, de pessoas agressivas e muitos crimes. Há uma certa banalização da morte no País e esse é um tema que precisamos pensar sob uma perspectiva humanista. Não dá mais, isso é diário. Temos acidentes de automóvel num mesmo fim-de-semana com mais de

70 mortos. Esse não pode ser um tema banal, que renda uma matéria no Jornal Nacional e acabou. O País precisa parar para balanço. Não podemos continuar mantendo esse número dep com uma certa tranqüilidade. É óbvio que o nosso maior desafio é uma incorporação mais plena dessa multidão de pobres, desvalidos, excluídos de toda ordem, que nós fomos produzindo nas últimas décadas. Hoje, ainda que programas como bolsa família ajudem muito, temos que dar um passo adiante. Precisamos de uma melhoria substancial no nosso sistema educacional. Temos um sistema educacional pífio, vergonhoso. Não são só as crianças fora da escola, mas é a falta de qualidade do nosso ensino.

“O governo Lula foi um fracasso rotundo”

ENTREVISTA COM REINALDO GONÇALVES

O economista Reinaldo Gonçalves afirma, em entrevista concedida, por telefone, à IHU On-Line, que “temos hoje um Brasil sem rumo e sem prumo, do ponto de vista de estratégia e de política econômica com uma gestão macroeconômica catastrófica, com resultados medíocres”. Ex-filiado do PT, Gonçalves falou da atual conjuntura econômica e social brasileira. Ele é professor titular da UFRJ, doutor em Economia pela University of Reading, diretor da Sociedade Brasileira de Economia Política e da Associação Nacional de Cursos de Graduação em Economia, ganhador do Prêmio Jabuti em 2001 na área de Economia, Direito e Administração é autor de mais de duas centenas de trabalhos publicados em 18 países. Reinaldo concedeu entrevista à IHU On-Line na edição número 176, do dia 17 de abril de 2006.

IHU On-Line - Qual seria na sua visão, o diagnóstico econômico do Brasil de hoje?

Reinaldo Gonçalves - O diagnóstico brasileiro é muito desfavorável. Se nós fizermos um *check-up*, pegando vários indicadores, veremos que a economia brasileira anda numa situação muito desfavorável, comparando não só com o desempenho dela no passado, mas também com outros países no mesmo padrão de desenvolvimento.

IHU On-Line - Como seria um projeto desenvolvimentista do ponto de vista econômico para o Brasil? Quais seriam os pontos centrais e suas características?

Reinaldo Gonçalves - Fundamentalmente o que nós precisamos é reduzir a vulnerabilidade externa do País, que é muito elevada. A conjuntura internacional hoje tem sido bastante favorável para o Brasil e para o resto do mundo, mas nós não temos logrado reduzir estruturalmente essa vulnerabilidade externa. Então, é preciso que uma diretriz estratégica seja a redução dessa vulnerabilidade nas esferas comercial, produtiva, tecnológica, monetária e financeira. Outra coisa muito importante é a retomada do investimento. Para essa retomada, a diretriz número um é o investimento público, que vai puxar o investimento privado. O investimento público no Brasil funciona como uma espécie de locomotiva dos vagões que são o investimento privado. Essas são diretrizes de natureza mais de estratégia econômica.

Do ponto de vista de políticas macroeconômicas, o Brasil precisa fazer uma mudança radical. A política fiscal é marcada por uma distorção muito grande, está completamente equivocada. Cerca de 8% da nossa renda vai para o pagamento de juros, e isso entrava a economia brasileira. A política monetária é uma tragédia. Nós temos hoje a maior taxa de juros real do mundo, e isso precisa ser alterado. A política cambial é completamente torcida, o dólar está muito barato, o que faz o Brasil

importar muitas coisas que poderiam estar sendo produzidas no Brasil, gerando renda e emprego. Temos, então, que ter políticas comercial e tecnológica orientadas para o balanço de pagamentos, geração de empregos e renda no País. É um conjunto de diretrizes que precisam ser implementadas, e que não estão sendo. Temos hoje um Brasil sem rumo e sem prumo, do ponto de vista de estratégia e de política econômica com uma gestão macroeconômica catastrófica e com resultados medíocres.

IHU On-Line - Que modelo econômico inspira o PT atualmente?

Reinaldo Gonçalves - O PT não inspira modelo nenhum. Ele está reproduzindo um modelo anterior, inclusive negando o que está na diretriz estratégica do programa de 2002. Fica muito difícil falar de um programa do PT, porque ele não cumpriu o programa de 2002. Enfim, o PT não tem nenhuma credibilidade sequer para redigir um programa econômico. Um partido que redige um programa em 2002, fica quatro anos e não cumpre esse programa, perde a credibilidade e não dá para ser levado muito a sério. Em síntese, qualquer coisa que seja dita hoje, nos dá a percepção de que estamos diante de um puro jogo político eleitoral, eleitoreiro, sem maiores conseqüências ou responsabilidades.

IHU On-Line - Como seria uma proposta econômica de um partido como o PSOL?

Reinaldo Gonçalves - Tenho a impressão de que o PSOL recuperaria - usando o argumento lógico, pois eu não vi nenhuma proposta econômica do PSOL - e reproduziria, em parte, desenvolveria, estenderia as propostas que inclusive estavam no PT em 2002, nas diretrizes estratégicas.

IHU On-Line - Hoje o que seria uma proposta de esquerda? O que é ser de esquerda hoje?

Reinaldo Gonçalves - Ser de esquerda hoje significa ser o que era há muitos anos. É ter um foco importante na área da distribuição da riqueza e da renda, ter um foco grande na distribuição do poder na sociedade. E um compromisso com rupturas e mudanças estruturais no País. Fundamentalmente, ser de esquerda é rejeitar essa ausência de rumo e prumo na economia brasileira, rejeitar essa conciliação, essa reforma que está fazendo o Brasil patinar na mediocridade e no subdesenvolvimento. Significa romper com a herança trágica do neoliberalismo que derrotou o Brasil nos anos 1990, com o Fernando Henrique, e esse neoliberalismo que derrota e humilha o Brasil agora com o Lula. Ser de esquerda é rejeitar as políticas de Lula e Fernando Henrique Cardoso e de todos esses governantes medíocres que estão levando o Brasil para uma situação de mais subdesenvolvimento.

IHU On-Line - Quem seria representante da esquerda hoje no Brasil?

Reinaldo Gonçalves - Do ponto de vista político, o PSOL se posicionou claramente à esquerda. Foi uma referência importante nesse momento político eleitoral no Brasil, foi a referência de esquerda mais relevante, sem dúvida alguma. No entanto, tenho a impressão de que forças independentes da esquerda devem avançar no Brasil em função do próprio fracasso ou implosão do PT e do governo Lula. A esquerda brasileira está se fragmentando ao longo do governo Lula pela traição desse governo e daqui para a frente essas forças que se fragmentaram e ficaram independentes, que se autonomizaram, devem se aglomerar.

IHU On-Line - O PT, independente de Lula, ainda pode ser considerado um partido de esquerda?

Reinaldo Gonçalves - Não. O PT é um partido há muitos anos controlado por Lula. São grupos dirigentes que de, uma forma ou de outra, foram cooptados não só

pela máquina partidária, mas também pelo governo federal, que eles têm na mão. A minha avaliação é de que o PT morreu e nós temos que deixá-lo enterrar seus mortos. Não podemos ficar dependendo desses fantasmas, desses mortos, e desses espectros que estavam no PT, inclusive o próprio Lula. Daqui a alguns anos, na história, vamos olhar essa experiência como uma experiência trágica. O governo do PT foi uma tragédia moral, política e social. O Brasil precisa construir novas instituições, novos partidos, novas lideranças. Esse governo do PT foi um fracasso rotundo.

IHU On-Line - Qual é a principal novidade destas eleições? Qual sua percepção sobre o segundo turno entre Lula e Alckmin? O que está faltando no debate eleitoral?

Reinaldo Gonçalves - Está faltando um contraponto. Ambos estão falando exatamente a mesma coisa, com nuances e, ao mesmo tempo, se marca um denominador comum, que é o conservadorismo, a conciliação, o reformismo, que atravanca o desenvolvimento brasileiro. Estamos na escolha entre duas grandes mediocridades do ponto de vista do quadro político brasileiro. Isso é ruim. Num segundo governo de Lula ou num governo do PSDB de Alckmin, o Brasil não deve avançar muito. Então, temos que nos preparar para um desafio de longo prazo, que é levantar, sacudir a poeira desse neoliberalismo medíocre, seja de Lula, seja FHC ou eventualmente de Alckmin e dar a volta por cima.

IHU On-Line - O pensamento de Celso Furtado pode ajudar a inspirar um novo projeto de desenvolvimentista para o Brasil?

Reinaldo Gonçalves - Sem dúvida alguma. Furtado é um pensador universal. Deixou uma obra importante, com vários ensinamentos. Ele é e será uma das referências mais importantes para repensarmos e reconstruirmos o Brasil de antes.

IHU On-Line - Por que o senhor acha que Lula não segue as orientações de Celso Furtado?

Reinaldo Gonçalves - O Lula não segue nada, só segue as suas conveniências políticas, é uma ânsia de poder incomensurável e só segue seus próprios interesses e não os interesses do Brasil.

IHU On-Line - Professor, qual é o Brasil que o senhor almeja?

Reinaldo Gonçalves - Eu faço um diagnóstico não positivo do Brasil nos últimos anos. O Brasil está em um processo de africanização, no sentido do subsaara da África, ou seja, um país com crise sistêmica, que é essa crise social, com tanta violência, com corrupção. A

degradação das instituições atinge o aparelho produtivo, com esse desempenho econômico absolutamente medíocre. Vejo que a conjuntura atual é um momento muito ruim, desfavorável, com uma trajetória de instabilidade de crise e mediocridade total do País. Porém, temos que ter uma perspectiva histórica, de longo prazo, ou seja, em algum momento o povo brasileiro deve reagir, os grupos dirigentes têm que responder positivamente à sociedade, abandonarem as trajetórias que eles têm utilizado nos últimos anos e aí nós eventualmente, provavelmente, poderemos retomar um certo desenvolvimento. No curto e médio prazo, lamentavelmente, as perspectivas do Brasil são muito desfavoráveis. Isso é a realidade. Outra coisa é auto-ilusão e uma auto-ilusão péssima.

A Cepal e a análise do Brasil e da América Latina

ENTREVISTA COM RICARDO BIELSCHOWSKY

Ricardo Bielschowsky, economista da Cepal (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe) e professor da UFRJ, fala, na entrevista que concedeu para a IHU On-Line, por telefone, sobre a contribuição da Cepal para a compreensão do subdesenvolvimento e das estratégias para superá-lo. Bielschowsky é autor de Pensamento Econômico Brasileiro - O Ciclo Ideológico do Desenvolvimentismo: 1930-1964, publicado em 2000 pela Editora Contraponto e organizador da coletânea Cinquenta Anos de Pensamento na Cepal, publicada em 2000 pela Editora Record. Eis a entrevista.

IHU On-Line - Qual o pensamento teórico inaugural da Cepal no período de sua fundação, nos anos 1940 e 1950?

Ricardo Bielschowsky - A Cepal caracterizava as economias periféricas por contraste às centrais, diferenciando as estruturas produtivas das economias da periferia latino-americana das estruturas produtivas financeiras das economias centrais. Dizia-se que aqui havia baixa diversidade produtiva e especialização em bens primários; forte heterogeneidade tecnológica e oferta ilimitada de mão-de-obra; uma estrutura institucional pouco vocacionada para o investimento e progresso técnico. Então, toda a análise centro-periferia que a Cepal realizou foi com base nesse contraste, mostrando e focando as diferenças das estruturas produtivas nossas com relação às centrais.

IHU On-Line - Que implicações tem isso?

Ricardo Bielschowsky - A implicação básica é de que a industrialização é a forma de superar a pobreza e reverter a distância crescente entre periferia e centro. Ela é problemática, primeiro, porque a baixa diversidade implica a necessidade de investimentos simultâneos em muitos setores. O processo é exigente em matéria de poupanças e divisas. Segundo, porque a especialização em bens primários significa que a capacidade de geração de divisas é limitada, e a pressão por divisas é elevada. Terceiro, porque a heterogeneidade tecnológica significa que a produtividade média é baixa e é pequeno o excedente com proporção da renda. Em quarto lugar, está o atraso institucional que significa um desperdício de parte do excedente por meio de investimentos improdutivos, de consumo supérfluo e de um baixo estímulo ao investimento e ao progresso técnico.

IHU On-Line - Quais são as implicações analíticas e de política disso tudo?

Ricardo Bielschowsky - As analíticas são as de que o desenvolvimento e o crescimento dessas estruturas subdesenvolvidas têm tendências perversas: desequilíbrios estruturais da balança de pagamentos e inflação causada por fatores estruturais. Além disso, aparece toda a análise da dinâmica do processo substitutivo de importações. E como principal implicação de política econômica, dado que a industrialização espontânea nas estruturas periféricas é problemática, é necessário planejar e atuar no âmbito do comércio internacional para atenuar as desvantagens da periferia com relação aos centros.

IHU On-Line - O pensamento da Cepal mudou muito nesses cinqüenta e oito anos, desde sua fundação?

Ricardo Bielschowsky - Não e sim. Não, porque, na verdade, esses fundamentos que eu acabei de enunciar estão presentes na análise posterior. Os elementos analíticos que compõem o pensamento original da Cepal estão aqui ainda presentes e são quatro: análise histórico-estrutural; análise da inserção internacional da América Latina; análise das condições estruturais internas do crescimento do progresso técnico e do emprego, assim como da distribuição de renda e a análise da ação estatal. Esses quatro elementos atravessam todo esse período de quase seis décadas, o que mostra a continuidade do pensamento cepalino através dos tempos.

IHU On-Line - Em que, então, foi mudando?

Ricardo Bielschowsky - Foi mudando porque a história foi mudando, a realidade vai se alterando, e o Cepal vai se adaptando aos novos elementos da história, para enfrentá-los por meio de novas mensagens. A mensagem do final dos anos 1940 e dos anos 1950 foi a da industrialização como forma de superar a pobreza. A mensagem dos anos 1960 foi aquela de fazer reformas institucionais: educacional, financeira, reforma agrária,

reforma tributária, como forma de viabilizar a continuidade do processo de crescimento e industrialização. A mensagem dos anos 1970 foi sobre estilos de crescimento, pois era necessário mudar o estilo perverso de crescimento sem distribuição de renda e construir uma alternativa distinta daquela que estava ocorrendo até então. A mensagem dos anos 1980, quando a América Latina estava toda endividada, era a de uma forma específica de enfrentar o endividamento, que era com crescimento, adequar o pagamento necessário da dívida externa a um escalonamento temporal de tal maneira que, com mais exportações e não com menos importações, se pudesse enfrentar o problema do endividamento. E, finalmente, a partir dos anos 1990, um paradigma que se mantém até agora, é o da transformação produtiva com equidade, o que vale dos inícios dos anos 1990 até os dias de hoje. Isso é o que vai mudando. A Cepal vai se adequando aos momentos históricos distintos, e inovando as suas mensagens, mas sem perder os elementos analíticos inaugurais.

***IHU On-Line* - Qual o balanço que a CEPAL tem feito do desempenho latino-americano no período pós-reformas neoliberais, isto é, nos últimos 15 anos?**

Ricardo Bielschowsky - Eu gosto muito de um livro escrito pelo ex-secretário executivo da Cepal, José Antônio Ocampo juntamente com outro economista chamado Juan Martin, que fala de luzes e sombras do crescimento, das tendências recentes⁷. Sem me fixar totalmente no que está nesse livro, eu posso mais ou menos dizer que a Cepal avalia que, do lado das luzes, houve uma institucionalidade macroeconômica estável, uma redução da inflação, o controle do déficit fiscal, um dinamismo exportador, uma atração do investimento estrangeiro direto, a modernização das empresas

⁷ Una década de luces y sombras: América Latina y el Caribe en los años noventa. Santa Fe de Bogotá: Alfaomega, 2001. (Nota da *IHU On-Line*)

produtivas grandes, o aumento do gasto social, a democracia e alguma melhora nos indicadores sociais. Do lado das sombras, avalia que a macroeconomia e o crescimento têm sido insuficientes, instáveis e voláteis, tem havido ausência de política anticíclica, a poupança-investimento é insuficiente, especialmente a infraestrutura. Some-se a isso o fato de que temos altos níveis de desemprego, precariedade laboral e informalidade, altos níveis de pobreza, diferenças distributivas muito amplas ainda, deterioração do meio ambiente e uma melhora muito insuficiente nos indicadores sociais.

***IHU On-Line* - O que é atual do pensamento cepalino teórico original?**

Ricardo Bielschowsky - De modo geral, trata-se da análise do subdesenvolvimento como um processo evolutivo específico de estruturas produtivas e sociais heterogêneas. E aí temos cinco elementos básicos, que estão ainda presentes não só na análise da Cepal, mas de muitos economistas e cientistas sociais da América Latina: primeiro, a Cepal continua fazendo a análise das debilidades da estrutura institucional produtiva e social e de suas implicações político-econômicas. Segundo, faz a análise das barreiras da criação, incorporação e difusão do progresso técnico nas condições idiossincráticas latino-americanas. Terceiro, faz a análise das interações entre crescimento e distribuição de renda, do estudo do padrão ou estilo de desenvolvimento. Quarto, faz a análise da inserção internacional e da vulnerabilidade externa. E quinto, muito importante no período de análise da inflação inicial nos anos 1980 no Brasil e na Argentina, a Cepal fazia, nos anos 1950, a análise determinante não-monetária do processo inflacionário.

***IHU On-Line* - Como avançar no conhecimento sobre a América Latina? Qual a agenda de pesquisas da Cepal?**

Ricardo Bielschowsky - A Cepal tem cinco documentos

que saem a cada ano, além de outras pesquisas. Ela faz a cada ano um documento, um balanço preliminar das economias latino-americanas, sobretudo em dezembro. Depois, faz, em meados de cada ano, o estudo econômico da América Latina, as principais tendências da economia. Faz, anualmente, uma análise da inserção internacional da América Latina, uma análise do investimento estrangeiro direto na América Latina e uma análise do panorama social da América Latina. Fora isso, tem as agendas de pesquisa próprias de cada uma das cinco ou seis divisões de pesquisa, e a cada dois anos publica um documento que é apresentado na reunião bianual no seu período de inserções. Esse último documento foi sobre rede de proteção social na América Latina e o próximo documento ainda está em estudo, provavelmente será algo sobre exportação, estrutura produtiva e inserção internacional.

IHU On-Line - Onde ficam os estudos sobre estratégias nacionais de desenvolvimento nessa agenda?

Ricardo Bielschowsky - Nesse plano, ainda há muito o que desenvolver. Há um certo exagero na tentativa de identificar semelhanças entre países, quando o segredo agora talvez esteja na necessidade de identificar as diferenças entre países. As idiosincrasias institucionais produtivas sociais de cada país, para daí tentar definir estratégias nacionais de desenvolvimento, que não podem ser as mesmas para todos os países. Uma estratégia de desenvolvimento para o Brasil não pode ser igual à estratégia de desenvolvimento de Honduras ou do Equador. A chilena há de ser distinta da venezuelana. A mexicana não pode ser igual à argentina. Essa é toda uma avenida a ser percorrida quanto aos estudos e às pesquisas sobre as especificidades de cada país, para daí se elaborarem projetos nacionais de desenvolvimento, para, então, se poder fazer uma tipologia de casos latino-americanos e começar-se uma nova aproximação de semelhanças com base nas diferenças e não-diferenças.

Destaques da semana

Entrevista da semana

Brasileiros vivenciaram processo destruidor

ENTREVISTA COM MICHEL AGLIETTA

“Vocês brasileiros vivenciaram a hiperinflação, em todo o caso a altíssima inflação até o Plano Real: processo destruidor para a coesão social, que esmaga os mais destituídos, que não podem proteger-se contra a perda vertiginosa do poder de compra de seus rendimentos, porque eles não têm acesso aos instrumentos indexados”. A desordem monetária exemplificada acima foi assunto da entrevista exclusiva concedida à IHU On-Line pelo professor Michel Aglietta.

Na entrevista feita por e-mail, Aglietta explicou suas idéias acerca da moeda e exemplificou seus estudos, usando a América Latina.

Aglietta foi estudado no ciclo Repensando os clássicos da Economia orientado pelo professor da Ufrgs Octavio Augusto Camargo Conceição que concedeu entrevista na edição 191 da IHU On-Line.

*Michel Aglietta é o principal expoente da Escola Francesa da Regulação, professor de Ciências Econômicas na Universidade de Paris. Entre suas principais obras está *La violence de la monnaie* (A Violência da Moeda). Paris, PUF. Trad. bras. ed. Brasiliense: 1990*

IHU On-Line - O livro *A violência da moeda* foi publicado em 1982. Como pensa que este livro poderia ser escrito hoje?

Michel Aglietta - Evidentemente o livro foi reescrito. Antes do livro de 1982 deve-se consultar o livro *La monnaie entre violence et confiance* (2002, Michel Aglietta e André Orléan, edição Odile Jacob). Este livro incorpora a interpretação da globalização financeira, da

política Greenspan⁸, das principais crises financeiras que se viveu até a crise Argentina de 2001-2002. Ele também trata da longa história da moeda. Na parte prospectiva,

⁸ Alan Greenspan: economista americano e ex-presidente do Federal Reserve dos Estados Unidos da América. Inicialmente apontado para o cargo pelo presidente Ronald Reagan em 1987, em substituição a Paul Volcker, foi reencaminhado ao posto por quatro vezes até sua aposentadoria em 31 de janeiro de 2006, quando foi sucedido por Ben Bernanke. (Nota da IHU On-Line)

há um capítulo sobre o euro e um capítulo sobre a moeda eletrônica. Na parte teórica, as idéias são semelhantes às de 1982, ou seja, a ambivalência da moeda, ao mesmo tempo bem comum e fonte de apropriação privada da riqueza que acarreta a contradição de todo o sistema monetário que já era percebida por Aristóteles desde a Antigüidade. No entanto, ele apresenta as argumentações da maneira como as entendem os economistas.

IHU On-Line - O que é essa «violência» da moeda ?

Michel Aglietta - Vocês brasileiros vivenciaram a hiperinflação, em todo o caso a altíssima inflação até o Plano Real: processo destruidor para a coesão social, que esmaga os mais destituídos, que não podem proteger-se contra a perda vertiginosa do poder de compra de seus rendimentos, porque eles não têm acesso aos instrumentos indexados. Vocês vivenciaram a desmoralização social, o enriquecimento dos aproveitadores. Vocês também puderam observar os efeitos da crise mais violenta de seus vizinhos argentinos. Os regimes ditatoriais andam junto com as desordens monetárias. E, ainda em 2002, na Argentina vocês viram as desordens sociais de um outro tipo de crise, a penúria de moeda, que felizmente encontrou sua solução na pesificação.

IHU On-Line - O que desencadeou tal crise monetária? Qual seria, hoje, o maior desafio para os governantes?

Michel Aglietta - O endividamento em dólares, que coloca o problema da convertibilidade da moeda nacional e submete a política econômica a um dilema: ou o governo procura manter a taxa de câmbio, mas é preciso elevar as taxas de interesse a níveis que sufocam a economia. A carga da dívida pública torna-se cada vez maior, quando o crescimento diminui, o que gera a crise financeira do Estado ou o governo desvaloriza a moeda,

na esperança de ganhar receitas de exportação. Entretanto, a crise é desencadeada pelos investidores estrangeiros que retiram seus capitais, o que desencadeia a espiral da inflação e da desvalorização.

IHU On-Line - O que é moeda?

Michel Aglietta - Para levar a moeda a sério é preciso romper com o pressuposto naturalista da teoria economicista padrão. A moeda faz sociedade em grupos humanos em que uma dimensão essencial de suas relações passa pela abstração do número. A moeda é o princípio do valor, supõe-se que o valor não é uma característica natural dos objetos, mas uma relação de pertencimento ao coletivo, de onde uma definição geral: *A moeda é aquilo pelo qual a sociedade entrega a cada um de seus membros o que ela julga que ele lhe deu.*

Dessa definição decorre que:

- A moeda não é uma coisa, mas uma instituição que nos é exterior e que nos dá o poder de ser membros de uma sociedade à altura dos montantes de moeda que podemos mobilizar.

- A sociedade é uma entidade distinta do conjunto de seus membros, por causa da finitude da vida humana. A sociedade é postulada como imortal/mortalidade dos indivíduos. Daí decorre que os membros da sociedade necessitam de um poder de proteção que está concentrado no Estado. Decorre daí uma *dívida social*: cada um tem obrigações fiscais diante do Estado em contrapartida às despesas de proteção que obrigam o Estado perante seus sujeitos.

A primeira forma de moeda, *a unidade de conta*, é a unidade de medida da dívida social. A segunda forma, *o meio de pagamento*, é o meio de satisfazer as obrigações fiscais. A moeda é, pois, primariamente política, tanto histórica como teoricamente. Ela existe em sociedades que não são mercadoras.

Moeda Privada

A moeda privada desenvolve-se na Europa a partir da Idade Média cristã. Ela está ligada ao crédito, ou seja, à confiança. A moeda privada é uma firma que circula entre terceiros, isto é, uma dívida que pode regular outras dívidas. Daí resulta uma hierarquia das moedas privadas, ou seja, do sistema financeiro, segundo o grau e a extensão da confiança que se tem para aceitá-la. A primeira forma de moeda foi a letra de câmbio. Depois veio a moeda bancária, mas toda moeda privada deve poder comprovar que ela é convertível em moeda oficial que é emitida pela instituição central (hoje em dia os bancos centrais). O processo de criação e de destruição das moedas privadas deve, pois, respeitar as regras definidas pela instituição central. O conjunto de todas as formas de moedas constitui, pois um sistema que é regido pela política monetária.

Motor do capitalismo

O desenvolvimento da moeda privada, ou seja, do crédito é o motor do capitalismo. O problema da

regulamentação monetária é de fazer de maneira que as dívidas privadas saídas do crédito sejam solváveis, para evitar uma perda de confiança que leva às crises financeiras. Diz-se que o sistema de crédito deve ser líquido. Deve aí haver bastante moeda pública, para que as moedas privadas criadas pelo crédito possam ser convertíveis em moeda central. Mas não deve haver liquidez em demasia, sob pena de perda de valor de toda a moeda, o que significa inflação. Esta política de colocar na economia nem moeda demais, nem de menos, é difícil porque ela está sujeita aos conflitos entre os grupos sociais para a repartição do valor.

Retornemos à definição inicial. Se certos grupos sociais não estão de acordo com o julgamento da sociedade a seu respeito, concedendo-lhes retornos que eles consideram injustos, vai haver conflitos e pressões sobre a instituição monetária. Após as grandes inflações do século XX, foi instituído o princípio da independência dos bancos centrais para restaurar a soberania da moeda. O crescimento supõe, pois, uma boa regulação monetária.

Destaques On-Line

ENTREVISTAS EXCLUSIVAS PRODUZIDAS PELO SÍTIO DO IHU

Essa editoria veicula entrevistas exclusivas publicadas no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu), durante a última semana. Aqui, apresentamos a lista completa de todas, que podem ser conferidas, na íntegra, nas Notícias Diárias do sítio, na data correspondente.

Título: A campanha eleitoral no RS

Entrevistada: Mercedes Maria Loguercio Cánepa

Entrevista: Mercedes Maria Loguercio Cánepa, cientista política, analisou em entrevista à *IHU On-Line* a campanha ao governo do Rio Grande do Sul. Ela comentou a grande diferença mostrada nas pesquisas

entre os candidatos, os programas de PSDB e PT e os debates. “Os candidatos que me perdoem, mas os debates estão fracos. Mas também acho muito difícil a estrutura dos debates atuais. Os debates têm que existir, eles são esclarecedores”. Confira na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 17-10-2006.

Título: Solidão e silêncio: o fascinante mundo da clausura

Entrevistadas: Lídia Gordschmidt e Melita Ignez Erpen

Entrevista: Lídia Gordschmidt e Melita Ignez Erpen são irmãs de clausura da Ordem de Nossa Senhora do Carmo. Elas concederam uma entrevista para a *IHU On-Line*, falando das renúncias aos atrativos da vida moderna e da disposição de ficar reclusa por toda a vida. Confira na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 18-10-2006.

Título: O desastre ambiental no Rio dos Sinos

Entrevistado: Rafael Altenhofen

Entrevista: O biólogo é vinculado à entidade ambientalista União Protetora do Ambiente Natural (UPAN), de São Leopoldo, que há 35 anos alerta sobre a

degradação do Rio dos Sinos, Rafael Altenhofen analisou em entrevista exclusiva à *IHU On-Line*, o desastre ambiental e a morte de mais de 84 toneladas de peixes no Rio dos Sinos há duas semanas. Confira na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 19-10-2006.

Título: “Defendo o voto nulo para presidente porque não há diferenças essenciais entre as duas candidaturas”

Entrevistado: Claus Magno Germer

Entrevista: Claus Magno Germer analisou em entrevista à *IHU On-Line* a campanha ao governo do Paraná, eleições presidenciais, reforma agrária, esquerda brasileira e a candidatura Lula. Germer, professor adjunto da Universidade Federal do Paraná, tem experiência na área de economia, com ênfase em Economia Monetária e Fiscal. Confira na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 20-10-2006.

IHU em Revista

Eventos

O Último Teorema de Fermat

II CICLO DE ESTUDOS DESAFIOS DA FÍSICA PARA O SÉCULO XXI: UM DIÁLOGO DESDE A FILOSOFIA

“Fermat desenvolveu algumas idéias básicas sobre o cálculo infinitesimal, antecipando-se às descobertas de Newton e Leibniz”, disse o matemático Rogério Steffenon, coordenador do curso de graduação em Matemática da Unisinos, em entrevista por e-mail à IHU On-Line. E acrescenta que o matemático francês “interessou-se especialmente pelas tangentes, quadraturas, volumes, comprimentos de curvas e centros de gravidade”, sendo considerado por outro importante matemático, também francês, Pierre Simon Laplace, como o verdadeiro inventor do cálculo infinitesimal.

Steffenon ministrará nesta quarta-feira, 25-10-2006, a palestra O último Teorema de Fermat, continuando a programação do II Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: um diálogo desde a Filosofia. A atividade está marcada para as 17h30min, na Sala 1G119 do IHU, e encerra às 19h. Steffenon é bacharel, mestre e doutor em Matemática pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Sua tese intitula-se Extensões normalizantes de anéis. A edição 138 da IHU On-Line, de 25-04-2005, dedicou-lhe a editoria IHU Repórter, que pode ser conferido na página do IHU, www.unisinos.br/ihu.

As contribuições de Fermat à Matemática

ENTREVISTA COM ROGÉRIO STEFFENON

IHU On-Line - No que consiste o Último Teorema de Fermat?

Rogério Steffenon - Ele diz que a equação $x^n + y^n = z^n$ não possui soluções inteiras não-triviais, se $n \geq 3$. Solução não-trivial significa que nenhum dos três inteiros x, y e z pode ser igual a zero. É importante observar que, no caso $n = 2$, temos, por exemplo, $3^2 + 4^2 = 5^2$. A terna de números inteiros (3, 4, 5) é denominada uma terna pitagórica, pois 3, 4 e 5 são os comprimentos dos lados de um triângulo retângulo. O Teorema de Pitágoras afirma que: “Num triângulo retângulo o quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos catetos”.

IHU On-Line - Quais são suas aplicações?

Rogério Steffenon - Na demonstração desse teorema, Andrew Wiles⁹ utilizou resultados de uma área da matemática que envolve curvas elípticas. Uma das aplicações atuais das curvas elípticas é na criptografia de chave pública.

IHU On-Line - O senhor poderia comentar sobre o fato de o Teorema ter sido escrito nas margens da Aritmética de Diofante?

Rogério Steffenon - Nesse caso, os matemáticos se dividem em dois grupos. Os otimistas românticos

⁹ Andrew Wiles (1953): matemático britânico, professor na Universidade de Princeton, famoso por ter demonstrado, com a colaboração de Richard Taylor, o Último Teorema de Fermat, em 1994. (Nota da *IHU On-Line*)

acreditam que Fermat¹⁰ teria uma prova genuína. Mas o que essa prova tinha de tão astucioso, que tenha escapado de grandes matemáticos de Euler¹¹ até Wiles? É bom lembrar que os argumentos deveriam usar a matemática conhecida até o século XVII. Um segundo grupo de matemáticos, mais céticos, acreditam que Fermat tivesse uma prova equivocada desse resultado. Eu me incluo no segundo grupo.

IHU On-Line - Poderia dar detalhes sobre a demonstração do Último Teorema, feita definitivamente em 1995 por Andrew Wiles? Como isso foi possível?

Rogério Steffenon - A demonstração de Wiles envolve técnicas matemáticas bastante sofisticadas do século XX. Também há algumas ferramentas que o próprio Wiles teve que criar para resolver esse quebra-cabeça. Um fato interessante é que Wiles trabalhou por sete anos na demonstração, em completo isolamento e segredo. Somente a sua esposa sabia o que ele estava fazendo. Em 1993, ele apresentou a demonstração da conjectura de Taniyama-Shimura, que implica O Último Teorema de Fermat. Essa prova, porém, tinha algumas incorreções. Finalmente, em outubro de 1994, ele apresentou uma solução correta, dando fim a um dos grandes enigmas da matemática.

¹⁰ Pierre de Fermat (1601-1665): matemático e cientista francês. Suas contribuições para o cálculo geométrico e infinitesimal foram inestimáveis. (Nota da *IHU On-Line*)

¹¹ Leonhard Euler (1707-1783): matemático e físico de origem suíça. Descobriu o método dos logaritmos, que resultou na possibilidade de prever as marés e as fases da Lua, informação esta importantíssima para a navegação. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Quais foram as maiores contribuições de Fermat para o cálculo geométrico e infinitesimal?

Rogério Steffenon - Fermat desenvolveu algumas idéias básicas sobre o cálculo infinitesimal, antecipando-se às descobertas de Newton¹² e Leibniz¹³. Interessou-se especialmente pelas tangentes, pelas quadraturas, pelos volumes, pelos comprimentos de curvas e pelos centros de gravidade. Como disse o grande matemático francês Pierre Simon Laplace¹⁴: “Fermat foi o verdadeiro inventor do cálculo diferencial”.

IHU On-Line - Quais são os principais desafios que a Matemática ainda tem pela frente?

Rogério Steffenon - São muitos os problemas que os matemáticos têm tentado solucionar. Podemos citar, por exemplo, a Conjectura de Goldbach que afirma o seguinte: “Todo número par maior do que 2 é soma de dois números primos.” Este resultado foi enunciado por Christian Goldbach¹⁵ em 1742 numa carta enviada para

12 **Isaac Newton** (1642-1727): físico, astrônomo e matemático inglês. Revelou como o universo se mantém unido através da sua teoria da gravitação, descobriu os segredos da luz e das cores e criou um ramo da matemática, o cálculo infinitesimal. Essas descobertas foram realizadas por Newton em um intervalo de apenas 18 meses, entre os anos de 1665 e 1667. É considerado um dos maiores nomes na história do pensamento humano, por causa da sua grande contribuição à matemática, à física e à astronomia. O IHU promoveu de 3 de agosto a 16 de novembro de 2005 o Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: uma aventura de Copérnico a Einstein. Sobre Newton, em específico, o Prof. Dr. Ney Lemke proferiu palestra em 21 de setembro, intitulada A cosmologia de Newton. (Nota da *IHU On-Line*)

13 **Gottfried Wilhelm von Leibniz** (1646-1716): filósofo, cientista, matemático, diplomata e bibliotecário alemão. A ele é creditada a criação do termo “função” (1694), que usou para descrever uma quantidade relacionada a uma curva. Geralmente, com Newton, é creditado a Leibniz o desenvolvimento do cálculo moderno; em particular por seu desenvolvimento da Integral e da Regra do Produto. (Nota da *IHU On-Line*)

14 **Pierre Simon Laplace** (1749-1827): astrônomo, físico e matemático francês. (Nota da *IHU On-Line*).

15 **Christian Goldbach** (1690-1764): matemático prussiano. (Nota da *IHU On-Line*)

Leonhard Euler. Também há o livro intitulado Os Problemas do Milênio, de Keith Devlin¹⁶, no qual são apresentados sete problemas importantes de matemática. O interessante é que a solução de cada um deles vale 1 milhão de dólares. Um problema famoso que aparece no livro é a Hipótese de Riemann¹⁷.

Recentemente o matemático russo Grigori Perelman¹⁸, de 40 anos, resolveu um desses sete enigmas: A Conjectura de Poincaré¹⁹.

16 **Keith Devlin**: matemático e escritor inglês. (Nota da *IHU On-Line*)

17 **Hipótese de Riemann**: hipótese matemática, publicada pela primeira vez em 1859 por Bernhard Riemann, que declara que os zeros não-triviais da função zeta de Riemann pertencem todos à “linha crítica”. A hipótese de Riemann sobre os números primos é de tal importância que tem intrigado os matemáticos há mais de 150 anos. A hipótese é um dos poucos problemas não-resolvidos do programa de Hilbert e foi colocado como problema número 1 de Smale. É tão difícil que em 2000 o Clay Mathematics Institute oferece um prêmio de 1 milhão de dólares a quem prová-lo. (Nota da *IHU On-Line*)

18 Grigori “Grisha” Iakovlevitsch Perelman (1966): matemático russo conhecido por ter apresentado uma demonstração da conjectura da Geometrização de Thurston, que tem como um caso particular a Conjectura de Poincaré, que era um dos maiores problemas da matemática. (Nota da *IHU On-Line*)

19 **Jules Henri Poincaré** (1854-1912): professor, matemático, físico e astrônomo francês, primo do presidente francês Raymond Poincaré (1860-1934) e importante figura no campo da mecânica celeste. Estudioso da matemática pura e aplicada, empregando os recursos da análise ao estudo das equações diferenciais, foi o criador de uma das mais importantes contribuições à matemática: as propriedades das funções automorfas (1880), uma generalização das funções elípticas. Participou ativamente da polêmica sobre a crise dos fundamentos da matemática, surgida logo após a formulação da teoria dos conjuntos de Georg Cantor (1845-1918), e afirmou a impossibilidade de reduzir a matemática à lógica, assim como a necessidade de um princípio não-formal para fundamentar a matemática. A sua obra abrangeu a matemática pura, a física matemática e a mecânica celeste e hoje é considerado o mais importante pesquisador sobre a teoria da relatividade antes de Albert Einstein (1879-1955). Escreveu extensamente sobre probabilidades dando continuidade às pesquisas de Pierre Laplace (1749-1827). (Nota da *IHU On-Line*)

Revoluções cisplatinas. A República Riograndense, de Alfredo Varela

I CICLO DE ESTUDOS SOBRE A FORMAÇÃO SOCIAL SUL-RIOGRANDENSE

Analisar aspectos da obra Revoluções cisplatinas. A República Riograndense. Porto: Livraria Chardron, 1915. Esse é o objetivo da Prof.^a. Dr.^a. Ana Inez Klein em 25-10-2006 no I Ciclo de Estudos sobre a Formação Social Sul-Riograndense: contribuições à leitura de seus intérpretes. De autoria de Alfredo Varela, a obra é considerada um ícone para compreender a formação de nosso Estado. Em entrevista por e-mail à IHU On-Line, a historiadora mencionou que “de forma geral é possível apontar algumas permanências da história do Rio Grande do Sul, desde os primórdios da ocupação portuguesa e espanhola até os dias de hoje, marcas profundas deixadas na porção mais meridional da colônia lusitana na América, que são comuns ao resto do País e, mais, são comuns a todos os países que serviram de colônia da Europa, no período da expansão mercantil europeia”. Graduada em História pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Klein é mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e doutora pela mesma instituição com a tese Fronteiras de cristal: um estudo da história e da memória nas crônicas de Antônio Álvares Pereira Coruja (1806-1889). Atualmente, leciona nas Faculdades Cenecistas de Osório. É uma das autoras de Raízes de Osório. Porto Alegre: EST, 2003.

Uma obra sobre o passado para compreender o presente

ENTREVISTA COM ANA INEZ KLEIN

IHU On-Line - Qual é a atualidade da obra Revoluções cisplatinas. A República Riograndense, de Alfredo Varela?

Ana Inez Klein - A atualidade de um documento histórico, neste caso Revoluções Cisplatinas (1915), uma obra produzida no passado, não decorre de um valor

intrínseco, natural, que o documento possa ter, mas das questões do presente a que esta obra pode responder. A história caracteriza-se por ser um campo do conhecimento que parte do presente para o passado e, por isso, a história dos mesmos documentos se reatualiza

constantemente em função das perguntas que o historiador, no presente, faz a estes documentos. A obra de Alfredo Varela, em síntese, apresenta uma versão sobre os debates acerca da organização do Estado Nacional nos primeiros anos da República. Ao elaborar um estudo sobre a Revolução Farroupilha²⁰ como movimento separatista, num momento de intensos debates sobre os interesses divergentes na relação entre as forças regionais e a centralização do poder, Varela assume uma posição de defesa de maior autonomia dos estados que compõem a Nação brasileira, contrariando os interesses de quem defende a centralização. Este debate vai gradativamente ganhando importância na medida em que, em 1930, o gaúcho Getúlio Vargas²¹ ocupa a

20 **Revolução Farroupilha**: Conflito separatista ocorrido entre 1835 e 1845 na então Província do Rio Grande do Sul, alcançando a região de Santa Catarina, na região Sul do Brasil. À época do período regencial brasileiro, o termo farrapo era pejorativamente imputado aos liberais pelos conservadores (chimangos) e com o tempo adquiriu uma significação elogiosa, sendo adotado com orgulho pelos revolucionários, de forma semelhante à que ocorreu com os sans-culottes à época da Revolução Francesa. (Nota da *IHU On-Line*)

21 **Getúlio Dornelles Vargas** (1882-1954): político gaúcho, nascido em São Borja. Foi presidente da República nos seguintes períodos: 1930-1934 (Governo Provisório), 1934-1937 (Governo Constitucional), 1937-1945 (Regime de Exceção), 1951-1954 (Governo eleito popularmente). Sobre Getúlio, o IHU promoveu o Seminário Nacional A Era Vargas em Questão - 1954-2004, realizado de 23 a 25 de agosto de 2004. Paralela ao evento aconteceu a Exposição Eu Getúlio, Ele Getúlio, Nós Getúlios, no Espaço Cultural do IHU. A revista IHU On-Line publicou os seguintes materiais referentes a Vargas: edição 111, de 16 de agosto de 2004, intitulada A Era Vargas em Questão - 1954-2004 e a edição 112, de 23 de agosto de 2004, chamada Getúlio. Na edição 114, de 6 de setembro de 2004, Daniel Aarão Reis Filho concedeu a entrevista O desafio da esquerda: articular os valores democráticos com a tradição estatista-desenvolvimentista, que também abordou aspectos do político gaúcho. Em 26 de agosto de 2004, o Prof. Dr. Juremir Machado da Silva, da PUCRS, apresentou o IHU Idéias Getúlio, 50 anos depois. O evento gerou a publicação do número 30 dos Cadernos IHU Idéias, chamado Getúlio, romance ou biografia?, também de autoria de Juremir. Vale destacar o Caderno IHU em formação número 1, publicado pelo IHU em 2004, intitulado Populismo e Trabalho. Getúlio Vargas e Leonel Brizola. As versões eletrônicas

presidência do Brasil e Varela publica *A História da Grande Revolução*, obra em 6 volumes, onde reafirma sua visão separatista da Revolução Farroupilha. *Revoluções Cisplatinas* antecipa a polêmica ocorrida por ocasião da publicação da *A História da Grande Revolução em 1933*, durante os preparativos para as comemorações do centenário da Revolução Farroupilha, ocorrido em plena Era Vargas²².

IHU On-Line - Quais são os traços que persistem daquele Rio Grande do Sul que inspirou Varela a escrever?

Ana Inez Klein - De forma geral, é possível apontar algumas permanências da história do Rio Grande do Sul, desde os primórdios da ocupação portuguesa e espanhola até os dias de hoje, marcas profundas deixadas na porção mais meridional da colônia lusitana na América, que são comuns ao resto do País e, mais, são comuns a todos os países que serviram de colônia da Europa, no período da expansão mercantil européia. Rapidamente podemos destacar três pontos fundamentais: o acesso à terra, a desigualdade social e a dependência econômica. A nossa estrutura fundiária é excludente. Os afrodescendentes, utilizados como mão-de-obra escrava no período da Revolução Farroupilha, possuem as piores

encontram-se disponíveis no sítio www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

22 **Era Vargas**: considerada como um divisor de águas na história brasileira, vai de 1930 a 1945. Após os 15 anos de governo getulista, o País e o povo brasileiro nunca mais seriam os mesmos. Foi marcada pelo populismo, o investimento na indústria, a valorização do trabalho e por atos totalitários e despóticos de seu governante, o gaúcho Getúlio Vargas. Sobre Getúlio Vargas, conferir o primeiro dos Cadernos IHU em formação, intitulado Populismo e trabalho. Getúlio Vargas e Leonel Brizola, bem como o 30º número dos Cadernos IHU Idéias, intitulado Getúlio, romance ou biografia, escrito por Juremir Machado da Silva. A IHU On-Line 112, de 23-08-2004, intitulou-se Saio da vida para entrar na História, frase que se tornou célebre na carta-testamento de Getúlio. O Instituto Humanitas Unisinos - IHU promoveu, em 2004, o Seminário Nacional Era Vargas. (Nota da *IHU On-Line*)

condições sociais, são as maiores vítimas da desigualdade econômica e social. Por último, a dependência econômica que pode ser percebida na evolução da dívida externa, reduzindo nossa soberania por conta de compromissos contratados com as instituições internacionais, que garantem os recursos. Essa mesma relação de dependência econômica se repete na relação dos estados com a União. Parece que as mudanças têm ocorrido mais na superfície, na modernização, do que na própria estrutura sobre a qual se constroem todas as outras instâncias.

IHU On-Line - De que forma os conflitos cisplatinos são retratados por Varela?

Ana Inez Klein - Na introdução do segundo volume de *Revoluções Cisplatinas*, Varela cita Bento Gonçalves²³: “Eu protesto à face dos céus, e dos homens, acabar antes nas ruínas de minha pátria, do que vê-la escravizada.” A epígrafe dá o tom da obra que mostra homens briosos, lutando para livrar a província da escravidão do império. A história contada por Varela é uma história de homens. Comandados ou estrategistas, leais ou traidores, fortes ou fracos, covardes ou corajosos, é a saga de um povo contada pela ação de alguns líderes. O trabalho foi publicado em dois volumes, mas está originalmente dividido em três tomos, que iniciam apresentando aspectos da natureza da Pampa. Já nesta parte, que enfatiza a geografia do Rio Grande do Sul, o autor constrói a narrativa analisando a atuação de homens, que por seu caráter excepcional, vão, efetivamente, fazer acontecer a história do Rio Grande do Sul.

IHU On-Line - Como o general farrapo Antônio Souza Netto é descrito pelo autor? Que outras figuras históricas importantes ganham espaço nessas páginas?

23 Bento Gonçalves da Silva (1788-1847): militar e político brasileiro, um dos líderes da Revolução Farroupilha. (Nota da *IHU On-Line*)

Ana Inez Klein - Antônio de Souza Netto²⁴ é um destes grandes homens de Varela: um “brioso moço, cuja formosura gozava de fama que chegou até nós e que foi encanto de muitas mulheres no tempo” (página 93), “foi um modelo de perfeição cavalheiresca impecável, nos dez anos da grande guerra civil, durante a qual os liberais da Corte o olharam como um <jovem de esperanças> e por fim o nomeavam de a <estrela do sul>” (página 96). Esta narrativa de heróis, cavalheiros impecáveis, uma visão romântica da história, inclui muitos personagens como Bento Manuel²⁵, David Canabarro²⁶, João Manuel e o próprio Bento Gonçalves. É importante destacar que eles não são para Varela defensores de interesses próprios, mas legítimos

24 Antônio de Souza Netto (1801-1866): político e militar gaúcho reconhecido por seu trabalho na Revolução Farroupilha. Era o general da 1ª Brigada do exército da República Rio-Grandense. Após a Batalha do Seival, proclamou a República Rio-Grandense, no Campo dos Menezes. Lutou em diversas batalhas pelos republicanos, tendo comandado o cerco a Porto Alegre, durante vários meses, e a retomada de Rio Pardo, que estava nas mãos dos imperiais. (Nota da *IHU On-Line*)

25 Bento Manoel Ribeiro (1783-1855): marechal na Revolução Farroupilha, grande estrategista tático, profundo conhecedor do terreno e grande capacidade de nele orientar-se. Durante a Revolução Farroupilha 1835-1845, em função de seu temperamento singular, adotou posições até hoje controvertidas e aparentemente inexplicáveis. Isso, ao combater, ora ao lado dos farrapos, ora ao lado dos imperiais, mas sempre desequilibrando, acentuadamente, o prato da balança, em favor da causa que defendia. Inicialmente como farrapo, depois como imperial, novamente como farrapo e, finalmente, depois de mais de dois anos de neutralidade, lutou pela unidade do Império até o final da Revolução, como vaqueano-mor de Caxias. Por essa razão, entrou para a História do Rio Grande do Sul como a mais controvertida personalidade do ponto de vista político e psicológico. (Nota da *IHU On-Line*)

26 Davi José Martins Canabarro (1796-1867): militar brasileiro. Participou das campanhas militares no Rio da Prata em 1811, 1816 e 1825-1828. Integrou a rebelião republicana conhecida como Revolução Farroupilha ou Guerra dos Farrapos, cujo comando assumiu em junho de 1843, quando o antigo chefe, Bento Gonçalves da Silva, para evitar a cisão entre os republicanos, desligou-se do comando e passou a servir sob as ordens do próprio Canabarro. (Nota da *IHU On-Line*)

representantes de uma causa popular. Ao analisar a participação de rio-grandenses nas lutas na cisplatina, Varela questiona: “A participação dos rio-grandenses é, porém, o solitário impulso de poucas almas generosas, é o puro exaltamento de alguns cavalheiros, enamorados do bem, que correm em socorro dos oprimidos?”. “Não creio”, responde Varela, e apoiado em farta documentação mostra serem as causas das lutas, causas de todas as camadas da população. Nossos heróis não fazem mais do que representar os anseios, as vontades, os desejos e a consciência já presentes nas mentes dos rio-grandenses.

IHU On-Line - Qual é a explicação de Varela para as cores da bandeira republicana?

Ana Inez Klein - Em *Revoluções Cisplatinas*, Varela mostra de que forma o jornal *O Republico*, de 21 de fevereiro de 1837, interpreta as cores da bandeira: “Os republicanos têm adotado um pavilhão tricolor - verde e amarelo nos extremos, encarnado no centro. Cremos que o verde é esperança de manterem sua independência; o amarelo sinal de firmeza e resolução nos seus planos; o encarnado noticia que levarão o fogo a qualquer parte, que os pretenda incomodar.” Esta interpretação põe em relevo os princípios que justificam a guerra que ocorria no sul do império: independência, firmeza e fogo, ou seja, a defesa da autonomia, a certeza da causa e o anúncio de novas guerras sempre que a independência for ameaçada. Ela representa, em parte, os ânimos que embalam os primeiros anos do movimento. Mais importante é destacar que esta interpretação das cores da bandeira é a interpretação que Varela escolheu, um exemplo de como o autor seleciona e faz uso da documentação para, a rigor, defender a sua versão sobre a guerra.

IHU On-Line - Se tivesse que ser reescrita em nossos dias, quais seriam os principais registros históricos

gaúchos, ocorridos de 1915 para cá, dignos de registro em um livro dessa importância?

Ana Inez Klein - Uma obra não se organiza apenas em função do seu conteúdo, mas também de sua forma: se fosse reescrito hoje seria outro livro, obedeceria a outras motivações, responderia a outras questões. O historiador francês Michel de Certeau²⁷ analisa como se dá a operação histórica que resulta na fabricação da história e destaca que existe um lugar social de onde falam estes intelectuais e procedimentos de análise que validam estas interpretações. Então a obra de Varela só pode ser compreendida no seu lugar - no espaço e no tempo - e todas as hipóteses sobre novos registros que considerarão outro lugar e outros procedimentos, resultarão em uma outra obra, uma segunda obra. O que podemos é analisar possíveis apropriações desta obra que ocorrem sempre que estão em debate a formação do Estado Brasileiro e a identidade do gaúcho ou mesmo como esta identidade se insere numa identidade nacional.

IHU On-Line - É possível dizermos que a obra de Varela ajudou a solidificar o sentimento ufanista dos gaúchos? Por quê?

²⁷ **Michel de Certeau**: intelectual jesuíta francês, nascido em 1925, em Chambéry e falecido em 1986, em Paris. De Certeau foi ordenado na Companhia de Jesus em 1956. Em 1954, tornou-se um dos fundadores da revista *Christus*, na qual esteve envolvido durante boa parte de sua vida. Lecionou em várias universidades, entre as quais Genebra, San Diego e Paris. Escreveu diversas obras, dentre as quais *La Fable mystique: XVIème et XVIIème siècle*. Paris: Gallimard, 1982; *Histoire et psychanalyse entre science et fiction*. Paris: Gallimard, 1987; *La prise de parole. Et autres écrits politiques*. Paris: Seuil, 1994. Em português, citamos *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982 e *A invenção do cotidiano*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. Sobre De Certeau, confira as entrevistas *Michel de Certeau ou a erotização da história*, concedida por Elisabeth Roudinesco, e *As heterologias de Michel de Certeau*, concedida por Dain Borges, ambas à edição 186 da IHU On-Line, de 26-06-2006, disponíveis para download na página do IHU, www.unisinos.br. (Nota da *IHU On-Line*)

Ana Inez Klein - O uso que se faz de uma obra foge, muitas vezes, da intenção de seu próprio autor, mas evidentemente que elementos dos estudos empreendidos e registrados por Varela se oferecem a um tipo de apropriação no presente. É o que ocorre com aqueles que defendem uma maior autonomia do Rio Grande do Sul em relação ao Governo Central. Para estes, o Rio Grande tem uma identidade própria, que o diferencia do resto do País, baseada em uma superioridade forjada no seio

desta história de lutas, de guerras, em que se defendeu uma nação considerada muitas vezes injusta com seus defensores. Há aqui um perigo iminente de basear a identidade do gaúcho na discriminação, na inferioridade dos demais brasileiros, e um risco, ainda maior de, no destaque às diferenças, perderem-se as análises das estruturas que sustentam a história comum de toda a América Latina, o que em nada contribui para que alcancemos uma sociedade mais justa.

Redes de cooperação: um novo modelo

IHU IDÉIAS

Dia 26-10-2006, das 17h30min às 19h, o tema em discussão no IHU Idéias é Redes de cooperação: um novo modelo. Na condução da palestra, estará o Prof. Dr. Alsones Balestrin, da Unisinos. A atividade é aberta ao público em geral, com entrada franca. No Rio Grande do Sul, as redes de cooperação são uma realidade influente no funcionamento das empresas e da economia.

Graduado em Ciências Contábeis pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Balestrin é mestre e doutor em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Sua tese leva o título A dinâmica da complementaridade de conhecimentos no contexto das redes interorganizacionais. Cursou doutorado em Ciências da Informação e da Comunicação da Universidade de Poitiers, França.

Frankenstein

CINEMA E SAÚDE COLETIVA

O ciclo Cinema e saúde coletiva vai discutir, no dia 24 de outubro, A ética do modelo médico racionalista. O debatedor será o professor da Unisinos, José Roque Junges. O filme, que servirá como pano de fundo será, Frankenstein (1994), de Kenneth Branagh. Frankenstein é um romance de terror gótico de autoria de Mary Shelley, escritora britânica nascida em Londres. O romance relata a história de Victor Frankenstein, um estudante de ciências naturais que constrói um monstro em seu laboratório. Em 1994, foi lançada uma adaptação cinematográfica dirigida por Kenneth Branagh de nome Mary Shelley's Frankenstein com o próprio Branagh no papel de Victor Frankenstein, Robert De Niro como a criatura e Helena Bonham Carter como Elizabeth. Apesar de o título sugerir uma adaptação fiel, o filme toma uma série de liberdades. As representações do Monstro e sua história têm variado bastante, de uma simples máquina de matar sem capacidade de reflexão a uma criatura trágica e plenamente articulada, o que seria mais próximo do retratado no livro. O interessante é que a interpretação da aparência clássica dada à criatura pelo cinema, a cicatriz na testa e os parafusos no pescoço não são descritos no livro.

História monetária dos Estados Unidos

QUARTA COM CULTURA

O próximo Quarta com Cultura acontecerá dia 25 de outubro e terá como tema a economista Milton Friedman. O assunto será debatido, na Livraria Cultura, pelo professor da Unisinos, Roberto Camps de Moraes. Sobre o tema, Moraes concedeu uma entrevista na Edição 195 da *Revista IHU On-Line*.

Sala de Leitura

Lições introdutórias à filosofia analítica da linguagem, de Ernst Tugendhat (Unijuí: Ijuí, 2006). Um filósofo, duas tradições e um texto histórico para a filosofia de língua alemã. Esses três elementos fazem a grandeza deste livro que, graças à coragem e persistência de poucos, ganhou há pouco uma refinada versão para o português. O filósofo é Tugendhat, já bem conhecido no país e com sólidas relações filosóficas e pessoais no Rio Grande do Sul. Um dos mais expressivos alunos de M. Heidegger, também foi ele a grande figura a introduzir no ambiente acadêmico alemão o viés anglo-saxão de enfrentamento dos problemas filosóficos mediante o método analítico-lingüístico. O cruzamento de duas tradições filosóficas é precisamente o que faz deste livro um marco da história recente da filosofia alemã. Nestas suas lições introdutórias, Tugendhat enfrenta-se, mediante os recursos da filosofia analítica da linguagem, com alguns dos mais substantivos problemas da tradição filosófica assim como a hermenêutica de Husserl e Heidegger os apresenta. E com isso ele começou a mudar o panorama da filosofia continental. A consciência, a verdade, a ontologia e a semântica são os eixos sobre os quais Tugendhat esgrima sua busca por esclarecimento conceitual, função que lhe parece de fato caber à filosofia. Ao fim e ao cabo desta vigorosa incursão na filosofia primeira, emerge uma cristalina, inusitada e reveladora análise da proposição.

Adriano Naves de Brito, Prof. Dr. da Unidade Acadêmica de Ciências Humanas da Unisinos.

IHU Repórter

José Rogério Lopes

Caipira com orgulho. Nascido na cidade de Taubaté, interior de São Paulo, o professor de antropologia da Unisinos, José Rogério Lopes, contou um pouco da sua vida à IHU On-Line.

Origens - Nasci e cresci em Taubaté, no interior do estado de São Paulo. Morei lá até os meus 21 anos. É uma cidade que tem características rurais, em uma região que até hoje é considerada ainda caipira, no sentido sociológico, não pejorativo. Isso marcou muito minha formação. Até o meu “ícone”, algo que eu valorizo bastante, na porta da sala tem referência com isso: “Nóis é caipira, mais é jóia.” O caipira se caracteriza por uma formação religiosa muito vinculada à presença de missionários (que têm uma perspectiva evangelizadora), ao mesmo tempo que estabelecem uma solidariedade

muito grande, vínculos de solidariedade que são herdados da vida rural. Os meus avós da parte de pai eram da zona rural e da parte de mãe, caíçaras, uma outra cultura também muito próxima. Então cresci nesse modelo, mas nas décadas de 1960 e 70, a minha região acompanhou todo o desenvolvimento industrial do País. Vivi também esses processos de urbanização que vieram com a indústria, com a urbanização. Esse meu crescimento na região tem um pouco a ver com eles: de um lado, um campo de tradição, de outro, um campo de

modernização, de transformações e mudanças. Esse é o caráter da minha formação. A herança do lugar de onde eu vim é essa, eu transito entre essas duas coisas.

Família - Família grande. Do meu pai vem uma tradição de proles extensivas. Minha bisavó teve quinze filhos, minha avó oito, meu pai sete. Da parte da minha mãe não. O meu avô materno eu não conheci, pois faleceu quando minha mãe era pequena. Da minha mãe vem uma tradição de uma família reproduzida a partir de uma única pessoa. A minha avó teve só a minha mãe. Era uma experiência de muita convivência, tanto da parte dos avós do meu pai, pois morávamos junto com eles, quanto da parte dos avós maternos. Tivemos sempre uma convivência grande em torno da figura dos avós. Meu avô paterno é ainda uma figura muito carinhosa na memória. Desde criança, eu era muito próximo dele, de fugir de casa e ir para o mercado municipal onde ele trabalhava e depois voltava com ele, de carroça. Coincidente, as minhas duas avós eram costureiras. Minha avó materna acabou se casando de novo com alguém que hoje consideramos como avô, que era pescador e o melhor mentiroso que eu vi na vida. Desde que eu era criança, eu ouvia as histórias que ele adorava contar para nós. A casa dele era em Ubatuba, cidade de praia, onde passávamos as férias escolares, quando nosso pai nos mandava para lá. Nós ficávamos na casa dele à noite com o lampião e ele contava histórias. Acho que essa influência é dele, essa necessidade de contar histórias.

Infância - Crescer em cidade do interior é muito bom, do ponto de vista de qualquer criança. Aprendemos a ser bagunceiro, a ser aventureiro, a transgredir, a explorar o mundo, a valorizar o cotidiano, a valorizar as amizades, a resolver problemas, se bem que brigávamos muito naquela época. Eu, particularmente, nunca briguei na infância inteira, pois minha perspectiva era de resolver conflitos, que eram voltados para a produção de

lideranças. Eu nunca fui líder, mas sempre tive uma tendência a escolher as pessoas que eu achava que seriam melhores líderes. Tinha uma qualidade de fazer a mediação, uma influência entre aquele que queira ser líder e o restante do grupo. Tínhamos liberdade, o que é essencial para qualquer pessoa constituir um sentimento de autonomia. A falta de liberdade, principalmente para o desenvolvimento da infância, é muito prejudicial para a criação da autonomia. Ao mesmo tempo havia, dentro das relações de vizinhança com os parentes, uma troca e uma diversidade de valores, de pessoas, cada uma querendo ensinar alguma coisa, característica dessas comunidades rurais. Talvez a única coisa de negativa seja o fato de que era uma família pobre. Como toda família nessa situação, passamos algumas privações, em geral todas elas relacionadas a consumo. Em uma sociedade como a nossa, em que o consumo é colocado como constitutivo da pessoa, essa ausência cria alguns problemas. O modelo de sociedade em que eu cresci era bem organizado para suprir essas privações. Eu nunca passei fome, nunca tive problemas ou privações de necessidades básicas, era aquela pobreza integrada, articulada, que reforçava aquela idéia de solidariedade. Hoje eu posso dizer que tive uma infância boa, alegre e feliz.

Estudos - Esse interesse constante por entender as mudanças, as transformações que acontecem na vida social é que acabou me levando, em um primeiro momento, a fazer faculdade de Pedagogia em Taubaté, depois um Mestrado e Doutorado para estudar Antropologia, esse campo que a gente chama de reprodução simbólica da vida.

Carreira - O primeiro momento foi extremamente aleatório, porque a tradição da minha família não tinha a ver com produção de carreira, reproduzia-se o que existia na época. Meu avô era carroceiro e tentou fazer

meu pai estudar, mas ele nunca gostou muito, gostava de ler e fazer as coisas, mas ler o que ele gostava. Ele estudou até o colegial e largou e virou pintor de carro, o que fez a vida inteira. Mas minha mãe valorizava muito a educação, foi ela que insistiu que estudássemos. A escolha da universidade foi em um período em que meu pai tinha uma oficina de carro, então ele bancou o primeiro e segundo ano de faculdade para mim e meu irmão. Nós tivemos a possibilidade de escolher dentro de condições específicas. Como eu não tinha muita preocupação com isso na época, escolhi no dia de fazer o vestibular. Escolhi algo que eu achava uma opção correta, que é ser professor. Escolhi dar aulas para surdos, era uma coisa nova, Pedagogia com Habilitação para Deficientes da Áudio-comunicação, surgiu junto com a habilitação para deficientes mentais, quando começou a educação especial no País. Foram quatro anos de escola. Eu gostei muito, aprendi coisas que até hoje acho fantásticas. Depois fui trabalhar na área, fiz estágio na PUC, voltei e fui trabalhar em Campos do Jordão. Foi no trabalho, no enfrentamento da questão de que a maioria dos deficientes desse país provém de condições pobres, que comecei a despertar para outra área, que era dos estudos com pobreza. A primeira opção foi porque queria ser professor e, na segunda, eu escolhi o que eu queria ensinar e aprender. Daí Mestrado e Doutorado, eu fui para a área de antropologia para trabalhar especificamente com essas questões.

Horas Livres - Ler, ouvir música e retomar um pouco os exercícios.

Esporte - Agora que estou em São Leopoldo, vim de São Paulo no ano passado, aqui estou entrando um pouco no hábito das pessoas aqui do PPG, uma vida comunitária, então jogo futebol de vez em quando, apesar de isso dar uns problemas técnicos. Basicamente meu exercício é andar e correr.

Autor - Um autor acadêmico que me marca muito é Alain Touraine, sociólogo francês de uma tradição de estudos dos movimentos sociais. No último livro dele, “Um novo paradigma para compreender o mundo de hoje”, ele faz uma reavaliação da trajetória dele como intelectual e, junto disso, um diagnóstico das mudanças do mundo ocidental nas últimas décadas. Uma autora de romance: a indiana chamada Arundhati Roy, que é autora de um livro belíssimo, meio autobiográfico, mas ao mesmo tempo uma explicação cultural de como funciona o mundo simbólico na Índia, que se chama “O Deus das pequenas coisas”.

Férias - Ultimamente, tenho aproveitado para viajar. Eu acho que viajar hoje é conhecer, isso faz parte da minha forma de ver o mundo como antropólogo, o que atrai é o desconhecido. As últimas foram para Montevideu e para as Missões.

Dia Perfeito - Um dia sem confusão, em que as coisas acontecem de forma tranqüila, sem atropelos, em que eu possa trabalhar sossegado e, ao final do dia, chegar em casa e ainda ter disposição para ouvir uma música, ler um romance e, se possível, antes de dormir tomar uma cervejinha.

Música - Eu sou um pouco eclético para música, gosto de conhecer o que as pessoas estão produzindo. Hoje eu tenho duas perspectivas que são mais prazerosas, jazz, principalmente essa leva nova de cantoras como Norah Jones, e o que chamamos em São Paulo de música raiz, que tem uma tradição que vem desde Tonico e Tinoco até Almir Sater.

Filme - Um marcante é *Laranja Mecânica*.

Política - Eu estou gostando do resultado das eleições,

da tendência das últimas pesquisas. Mas eu acho que a política hoje no País passa por um processo de transição de um sistema político que ainda é extremamente clientelista, patrimonialista, personalista e populista, para um sistema democrático e pluralista. Todas essas crises que estão acontecendo, qualquer sociedade que passou de um sistema anterior para um sistema democrático, enfrentou. Nós não íamos passar sem enfrentar também. É o resultado de um projeto de governo e de sociedade que está em jogo, e as pessoas estão tendo que escolher e muito sem saber, pois não tivemos essa experiência democrática muito forte na nossa sociedade, então as pessoas se confundem, e alguns aproveitam essa confusão para deturpar o significado do debate. Mas essa passagem é uma situação que iríamos enfrentar a qualquer momento.

Futuro - Tenho muitos planos. O primeiro é viver pelo menos mais a mesma quantidade que vivi até agora, estou com 45 anos. Chegar aos noventa é uma meta. Para isso vou ter que parar de fumar, me estressar menos no trabalho e, talvez, organizar e planejar o futuro, aproveitando mais as conquistas que tive até agora. Chegou o momento de fazer justamente essa reflexão, daqui para a frente, acho que tudo que vier no sentido de complementação da pessoa é extremamente enriquecedor, e o que vier no sentido de complementação financeira passa a ser supérfluo. Estou naquele momento de fazer a avaliação das prioridades, espero poder ter condições de poder optar pela primeira.

Unisinos - É uma novidade e ao mesmo tempo é um desafio. Eu já conhecia a Universidade há seis anos, mas

cheguei aqui no momento que ela entrou em crise. No primeiro momento, isso causou um certo espanto, mas agora eu acho que a crise por que a Unisinos passa, como a crise por que a sociedade passa, é um momento para nos enriquecermos do ponto de vista de definição de projetos. Eu trabalho muito nesse sentido, participo de tudo que posso aqui dentro, é um pouco da minha própria personalidade não fugir do trabalho e também não fugir dos desafios que o trabalho gera. Nesse momento, ela é um pouco isso, novidade por causa da mudança que eu realizei e ao mesmo tempo um desafio, não só pela dimensão da crise, que a Instituição tem plena condição de superar, mas porque em toda a crise temos um grande debate sobre os valores que são necessários para que o projeto futuro da universidade se faça de forma consistente.

Instituto Humanitas - Eu valorizo muito o Humanitas. É um dos espaços dentro dessa Universidade mais produtivos e mais instigadores daquilo que é função da universidade: produzir inquietação, gerar problematização sobre as questões sociais e transformar isso em debates sérios e consistentes, e não ficar reproduzindo mesmices como, às vezes, costuma acontecer em fundações e institutos que existem nas universidades. Nesse ponto, o IHU tem sido extremamente aglutinador dos debates nacionais e produtivo, o que gera inquietação, essencial para mover a relação do ensino-aprendizagem e da pesquisa em qualquer universidade.